

OS GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO

*Erika Marion Robrahn González**

ROBRAHN GONZALEZ, E.M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro.
Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 83-121, 1996.

RESUMO: O presente artigo discute a posição da região Centro-Oeste brasileira enquanto área de confluência para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (sejam deslocamentos de informações, objetos e/ou pessoas oriundos das regiões circunjacentes em período pré-colonial), que teriam exercido significativas influências tanto na origem dos grupos como na história de seu desenvolvimento cultural. Em termos operacionais, a realização do trabalho se deu através da releitura das informações disponíveis na bibliografia, de forma a sistematizá-las a partir de problemas básicos de investigação; por outro lado, procedeu-se a uma reanálise dos dados e do material coletado em uma amostra de quarenta e sete sítios cerâmicos, expostos a uma série de testes estatísticos.

UNITERMOS: Grupos ceramistas – Região Centro-Oeste – Migração – Contatos culturais.

A partir de 1990 vimos desenvolvendo o “Projeto Arqueológico Brasil Centro-Oeste”, tendo-se concluído, em 1996, sua primeira fase de execução, apresentada na forma de tese de Doutorado junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Robrahn González 1996). As linhas gerais do Projeto, referentes à proposta de trabalho e procedimentos adotados foram anteriormente publicados (Robrahn González 1995). Já o presente artigo visa apresentar uma síntese dos resultados, discussões e análises que puderam ser desenvolvidos, bem como as perspectivas de continuidade dos estudos.

O objetivo maior do Projeto é discutir a dinâmica dos processos de formação e desenvolvimento dos grupos ceramistas do Centro-Oeste brasileiro,

o que envolve não apenas a análise de seus vestígios, mas também a busca de elementos externos, uma vez que a ocupação da região está fortemente envolvida com movimentos populacionais mais amplos, incluindo fenômenos como migração e diferentes formas de interação cultural.

Problemas referentes à origem dos grupos remontam aos últimos séculos a.C. e dizem sobretudo respeito às diferentes gradações que apresentariam entre insumos internos (relacionados a processos locais de desenvolvimento cultural) e externos (pela introdução e/ou substituição de padrões culturais). A hipótese apresentada pelo Projeto é de que a região Centro-Oeste teria se caracterizado enquanto área de confluência para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (seja deslocamento de informações, objetos e/ou pessoas), oriundos das regiões circunjacentes em período pré-colonial. Embora certamente os grupos caçadores e coletores que ocupavam a região devam

(*) Professora Colaboradora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

ter passado por processos de mudança cultural em que absorveram e/ou desenvolveram o conhecimento do cultivo e da cerâmica, parece difícil supor que tenham sido os únicos responsáveis pelas extensas, populosas e diversificadas aldeias que, aproximadamente a partir do século IX, se espalham pela região. Por outro lado estão as discussões que lançam mão das evidências externas, ou seja, do fato das indústrias cerâmicas do Centro-Oeste se integrarem a um contexto arqueológico muito mais amplo, envolvendo outras regiões do país, reforçando assim a possibilidade de interferências externas.

Dentro deste contexto, a presença de grupos ceramistas no Centro-Oeste apresentaria como matriz insumos culturais distintos, de origem interna e externa, cujos níveis de participação necessitam ser, caso a caso, explicitados. Neste sentido, torna-se necessário discutir as condições que teriam favorecido tais processos, bem como a forma como se teriam realizado os deslocamentos (seus tipos, rotas de penetração, áreas de ocupação, mecanismos de adequação e transformação).

Já quanto aos processos de desenvolvimento, a hipótese do Projeto é que, embora inicialmente cada grupo teria apresentado padrões culturais distintos e mantido territórios quase exclusivos de ocupação, contatos extra-culturais eram frequentes, ainda que sua natureza possa ter variado de forma significativa. Com o passar do tempo, e aproximadamente por volta do século X de nossa era, estes contatos teriam ocorrido com maior intensidade e através de estímulos diversos, motivando profundos processos locais de mudança cultural, através de fusões inter-grupais, da emergência de novas unidades culturais ou, até mesmo, da confinada manutenção de determinados núcleos originais. Os últimos séculos antes da conquista européia se caracterizariam, portanto, por um período de intensas transformações culturais, resultando no surgimento de uma série de variações locais, que passam a constituir o padrão arqueológico regional. Desta situação é que derivaria, na época do contato com o colonizador (séculos XVII e XVIII) a grande densidade e diversidade de grupos etnograficamente conhecidos.

Certamente o quadro de discussão aqui apresentado é preliminar e provisório, uma vez que não traduz apenas o conjunto de informações que puderam ser obtidas através do presente estudo, mas antes de mais nada reflete as condições gerais da

pesquisa arqueológica na região, de natureza e alcances extremamente variados. De qualquer maneira, é inegável que as centenas de sítios cerâmicos identificados forneçam um significativo conhecimento acumulado, passível de delimitar e direcionar os principais problemas de investigação. Para tanto, desenvolveu-se, inicialmente, um levantamento crítico, uniforme e sistemático dos dados existentes na bibliografia, que registra um total de 645 sítios cerâmicos. Resultados imediatos deste levantamento foram a produção de um Mapa Esquemático de Localização de Sítios e um Cadastro de Sítios (Robrahn González 1996), que pela primeira vez reúne todas as informações disponíveis, servindo de referência básica para a presente pesquisa.

Além disto, desenvolveu-se um estudo do material coletado em uma amostra de 47 sítios (Tabela 1, Figura 1), definida a partir de critérios quantitativos e qualitativos específicos (Robrahn González 1995, 1996). Estes sítios foram identificados por pesquisadores diversos e as coleções de material se encontram depositadas no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (Goiânia), no Instituto Anchieta de Pesquisas (São Leopoldo / RS) e no Escritório Técnico do IPHAN de Cuiabá.

Devemos notar que o fato de os trabalhos terem partido de interesses e procedimentos variados faz com que as coleções cerâmicas constituam a única informação comum, em detrimento de outras indústrias que os sítios apresentariam, bem como de dados sobre os sítios em si. Isto faz com que a cerâmica ocupe ainda, conseqüentemente, um lugar de destaque no presente trabalho, embora estejamos conscientes dos riscos de inferir padrões e processos sócio-culturais basicamente a partir desta evidência.

Por outro lado, uma vez que a perspectiva teórica da pesquisa está baseada no estudo de sistemas sócio-culturais em sua estrutura, funcionamento e mudança, onde a ocorrência de variações culturais se manifesta de diferentes formas e em diversas partes do sistema, a continuidade das análises se estende aos dados disponíveis sobre os sítios, procurando identificar variações quanto à forma, tamanho, implantação e localização, reconhecendo mudanças em mais de um componente, seus padrões e inter-relações.

Sem dúvida, a presente pesquisa implica no tratamento de questões muito mais amplas e comple-

TABELA 1

Relação dos 47 Sítios Selecionados	
SIGLA	NOME
GO-CA-01	Cachoeira 1
GO-CA-02	Matinha do Buriti
GO-CA-05	Buriti Paineira
GO-JA-01	Diogo L. da Silva
GO-JA-07	Alto do Bonfim
GO-JU-16	Claudino G. Santos
GO-JU-23	Amadeu Cesar
GO-JU-27	Israel Amorim
GO-JU-34	Toninho I. Amorim
GO-JU-36	Pedro Pereira 1
GO-NI-03	Gruta dos Milagres
GO-NI-06	Gruta Maracanã
GO-NI-31	Luis A. Oliveira
GO-NI-35	Felix de Moraes
GO-NI-47	Manuel Emilio
GO-RS-01	Ramusse A. Nobrega 1
GO-RV-02	Bonsucesso
GO-RV-13	Retiro 1
GO-RV-18	Número Provisório 17
GO-RV-31	" " 05
GO-RV-34	" " 72
GO-RV-35	" " 73
GO-RV-41	" " 01
GO-RV-43	" " 66
GO-RV-47	" " 04
GO-RV-66	" " 45
GO-RV-78	" " 52
MT-GA-32	Cambaúva 2
MT-GA-33	Cambaúva 3
MT-GA-37	São João 4
MT-GA-42	Córrego do Mato 1
MT-GA-46	Sete Voltas 1
MT-GA-48	Araguainha 1
MT-GA-52	Araguainha 5
MT-RN-22	
MT-RN-32	
MT-RN-36	Roça do Waldemas
MT-RN-46	Fazenda Grotão
MT-RN-47	
MT-SL-03	
MT-SL-04	
MT-SL-24	Chico Mineiro 2
MT-SL-29	Lote da Sobra
MT-SL-43	Cemitério Troale
MT-SL-51	Morro das Araras
MT-PO-03	Morro do Cará-Cará
MT-	Aterro Capivara

e/ou objetos trocados, extensão das redes de relações estabelecidas e identidade étnica, a maioria delas ainda de difícil aplicação frente aos dados disponíveis para o Centro-Oeste. Isto sem considerar que o próprio "objeto guia" da pesquisa (a indústria cerâmica) demonstrou conter diferentes significados nos processos de interação e mudança cultural, refletindo-os, portanto, de diversas maneiras. Assim, embora as análises desenvolvidas tenham, sem dúvida, alcance limitado, procuramos realizar um exercício de análise, explorando seu potencial informativo e indicando vias de continuidade.

A análise dos sítios selecionados

Sendo a cerâmica o principal vestígio material dos sítios tratados e uma vez que as publicações existentes apresentam estudos realizados segundo critérios e níveis bastante variados, nosso primeiro objetivo foi desenvolver um tratamento sistemático e uniforme das coleções dos 47 sítios selecionados. Como resultado, obteve-se um quadro descritivo e comparativo das diversas indústrias a que se relacionam.

Outro objetivo foi o de identificar elementos indicadores de variações entre os sítios, representados na forma de uma distribuição diferenciada de atributos qualitativa e quantitativa. Busca-se com isto reconhecer diferenças indicadoras de variações culturais que, juntamente com as demais fontes de informação (distribuição dos sítios no espaço, cronologia, morfologia e tamanho dos assentamentos, etc.), tragam dados sobre a natureza e o processo de ocupação dos grupos ceramistas da região.

Dentro deste contexto, o estudo tomou como unidade básica o **vasilhame cerâmico** enquanto **artefato**, vetor de informação que conduz principalmente às atividades cotidianas, mas cujo conteúdo sociológico permite discutir sobre esferas não materiais da cultura. Não se consideraram, portanto, os fragmentos cerâmicos e a análise de seus atributos de maneira isolada, mas sim as relações que mantêm entre si numa forma particular de vasilhame. O interesse se volta ao princípio de organização das unidades, identificadas através de padrões.

Esta perspectiva se mostra particularmente interessante quando nos propomos não apenas a identificar variações que determinada indústria

xas, que abrangem temas como contemporaneidade e hierarquia dos assentamentos, demografia, intensidade de contatos culturais, volume de informações

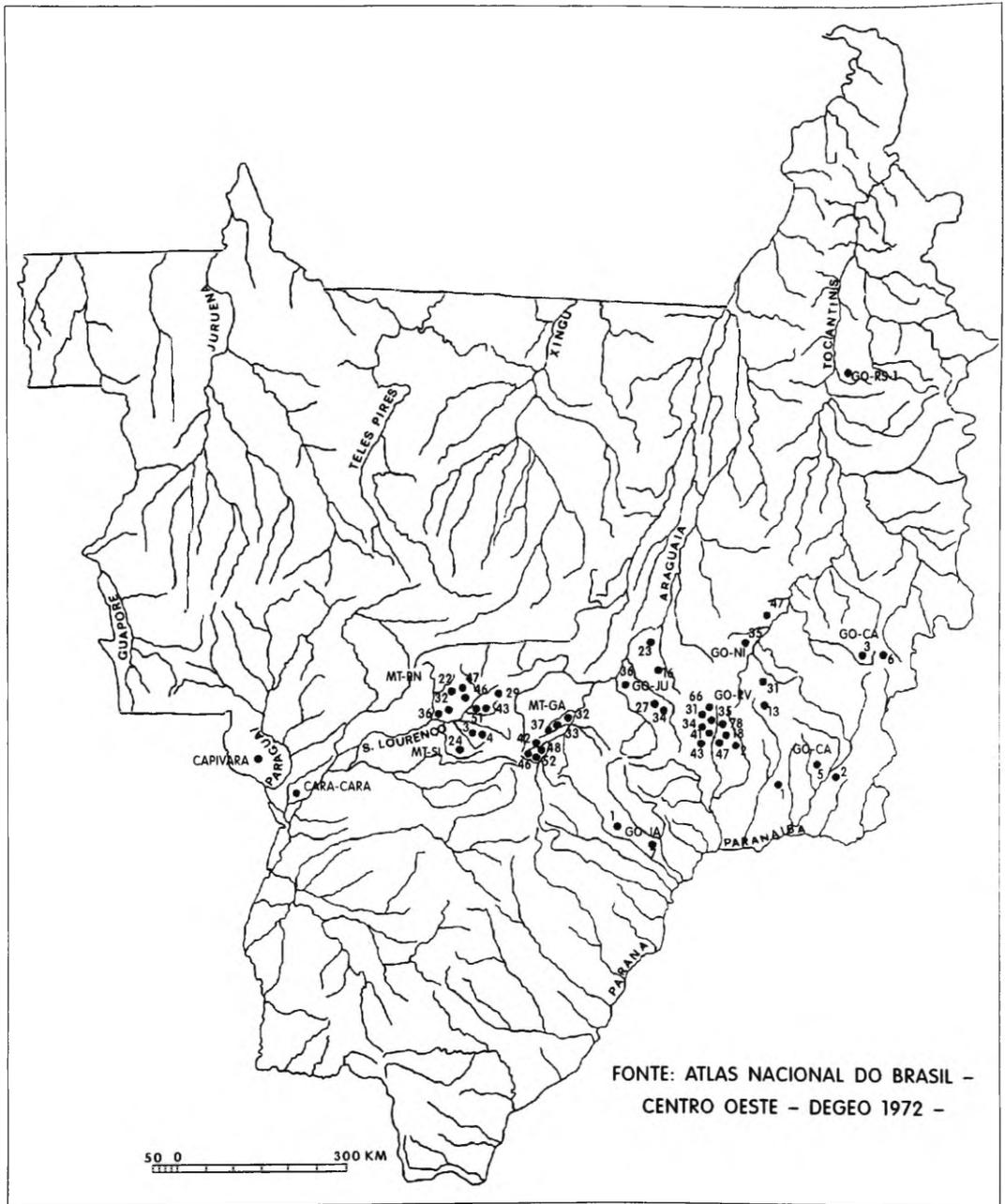


Fig.1 – Localização esquemática dos 47 sítios selecionados.

cerâmica apresenta no tempo e no espaço (como a introdução de novo tipo de antiplástico, de nova forma de vasilhame, etc.), mas principalmente caracterizar sua natureza dentro do quadro de artefa-

tos de que faz parte. Desta forma é possível, por exemplo, reconhecer se as alterações ocorrem apenas em determinados atributos que passam a ser adotados no conjunto da indústria, ou se aparecem

reunidas em vasilhames, que podem ter sido introduzidos no sítio enquanto artefatos inteiros.

Assim, dos 37.791 fragmentos cerâmicos associados aos 47 sítios da amostra, foram selecionados e classificados os 5.363 fragmentos de borda, base, ombro, apêndices e outros que permitem o desenvolvimento de análises baseadas em artefatos (ou ainda, nos vasilhames cerâmicos que, a partir destes fragmentos, podem ser reconstituídos). Para cada um deles se dispõe, individualmente, da leitura de atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos, reunidos em um banco de dados informatizado, o que permite um tratamento estatístico comparativo de variáveis múltiplas e não apenas de uma ou algumas variáveis subjetivamente escolhidas pelo pesquisador. Com isto, a unidade básica não é mais uma cultura arqueológica, mas comunidades locais representadas por sítios individualizados, procedimento imprescindível para abordar questões relativas à dinâmica sócio-política de populações.

Uma vez que os diferentes trabalhos desenvolvidos no Centro-Oeste indicam que a cerâmica apresenta variações tanto ao nível tecnológico, morfológico como estilístico, nossas análises procuraram efetuar a leitura do maior número e diversidade de possíveis de atributos, de maneira a poder identificar os elementos específicos de cada indústria.

A partir dos fragmentos de borda e vasilhame foram reconstituídos com segurança 3.124 formas, para as quais se realizaram, individualmente, cálculos de volume. A análise incluiu, ainda, dois atributos que se mostraram favoráveis nos estudos estatísticos desenvolvidos por Wüst (1990) no vale do São Lourenço: ângulo de inclinação da borda e distância do lábio ao ponto de inflexão.

Uma vez que se define como unidade básica de análise o **vasilhame cerâmico** enquanto artefato, partimos de sua classificação morfológica para avaliar a ocorrência dos demais atributos considerados. Assim, por exemplo, uma vez que no conjunto estudado ocorram **pratos**, passamos à descrição dos tipos de antiplástico que apresenta, queima, tratamento de superfície, decoração, volume, etc., e assim sucessivamente para todas as formas identificadas (uma minuciosa análise das indústrias pode ser obtida em Robrahn González 1996, Capítulo IV).

A análise do material considerou, ao todo, 13 classes de atributos, a saber: antiplástico, espessura da peça, queima, tratamento de superfície, de-

coração, forma do lábio, forma da borda, tipo de borda, distância do ponto de inflexão até o lábio, ângulo de inclinação da borda, forma dos vasilhames, volume e tipo de base. Estas classes foram desmembradas em 65 variáveis.

Os atributos e suas variáveis foram comparados simultaneamente por meio da Análise de Cluster, programa SPSSX - versão 5,0, com método "Ward" e medida de distância Euclidiana ao Quadrado (Fig. 2). Todo o tratamento estatístico deste trabalho foi desenvolvido pela empresa "Tableau - Estatística Aplicada S/C Ltda". Como resultado, os 47 sítios selecionados foram divididos em 7 Conjuntos, que passaram a constituir nosso objeto de estudo. Suas principais características são apresentadas abaixo. No intuito de oferecer maior clareza à discussão, os Conjuntos são apresentados obedecendo à cronologia das ocupações que lhe são relacionadas, permitindo um melhor encadeamento dos problemas.

Conjunto 5

Reúne 4 sítios: GO-NI-06 e 11, GO-RS-01 e GO-JA-01. Os 2 últimos foram inicialmente relacionados à tradição Una (Schmitz & Barbosa 1985, Barbosa *et alii* 1982, Wüst & Schmitz 1975).

Este Conjunto é o que, dentre todos os analisados, apresenta a indústria cerâmica mais simples, constituída basicamente por vasos infletidos (52,2%) e diretos (46,7%) de pequenas proporções (chegando a 72,5% de peças com até 1 litro de capacidade) e poucas variações tecnológicas e estilísticas. A baixa quantidade de vasilhames presentes nos sítios, aliada à simplicidade de suas características, sugere um uso bem mais restrito e/ou específico do que o indicado pelos demais Conjuntos, como veremos adiante. É possível que estes sítios correspondam a locais de atividade específica e, neste caso, os artefatos analisados só poderiam ser entendidos dentro da indústria maior da qual fariam parte.

Variações na indústria sugeriram uma diversificação dos sítios no sentido norte-sul. No extremo norte (médio Tocantins) tem-se a coleção mais simples e com menor interferência de elementos externos (GO-RS-01). Na porção central (alto Tocantins) ocorrem acréscimos que remetem, em grande parte, à indústria Tupiguarani (GO-NI-06 e 11). Já no extremo sul (vale do Paranaíba), estes acréscimos ocorrem em quantidade maior, remetendo à indús-

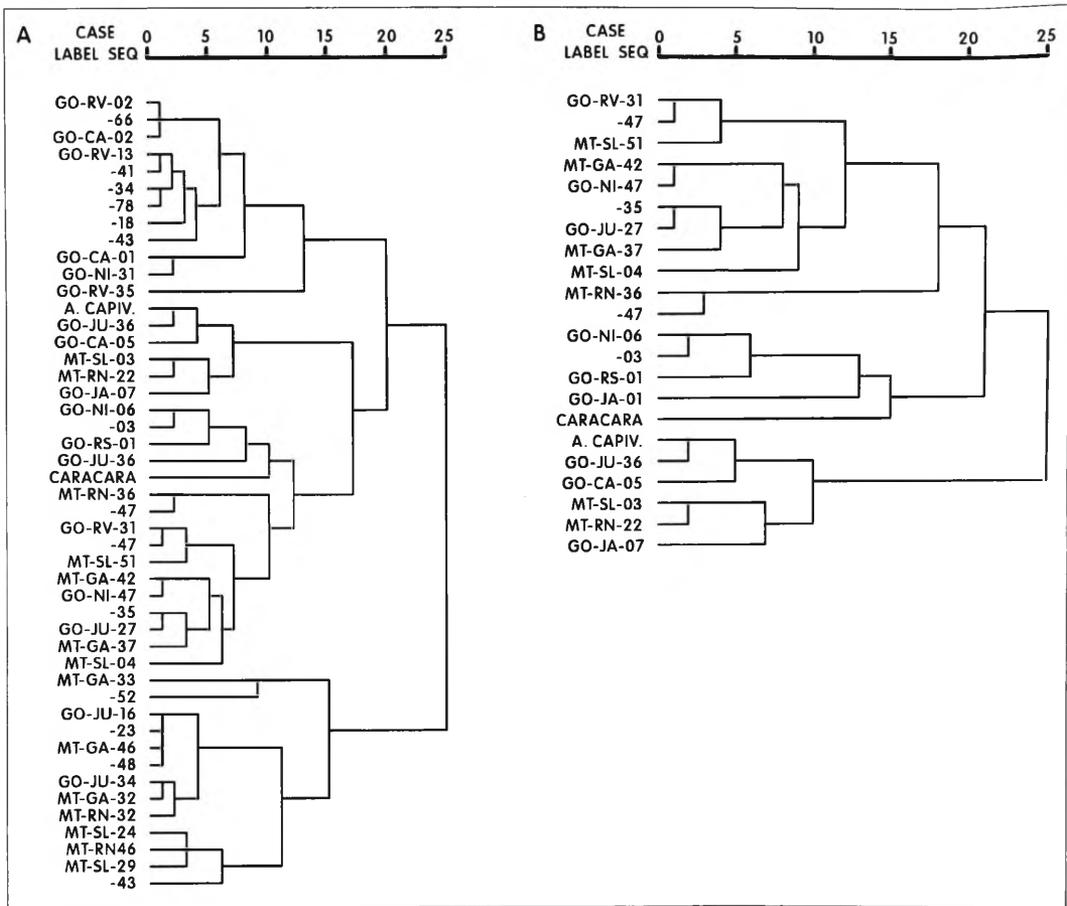


Fig. 2 – Dendrogramas fornecidos pelo teste de Cluster.

tria Uru, resultando na coleção mais diversificada (GO-JA-01) (Fig. 3).

Estes dados parecem indicar que as variações apresentadas pelos sítios teriam maior vinculação à intensidade de contatos externos do que a mudanças ocorridas no interior da própria indústria. Obedeceriam, portanto, a circunstâncias locais, indicando a favor de um isolamento dos sítios no espaço.

Este Conjunto reúne os sítios cerâmicos mais antigos do Centro-Oeste. O sítio GO-RS-01 tem uma datação de 410 a.C., embora seja possível uma antiguidade ainda maior (Barbosa *et alii* 1982). Outras duas datações absolutas foram obtidas para GO-NI-06 (1.060 d.C. – Simonsen *et alii* 1983/84) e para GO-JA-01 (1.035 d.C. – Schmitz & Barbosa 1985), indicando uma considerável profundidade temporal ao Conjunto.

Os sítios são em abrigo, apresentando morfologia irregular definida pela própria estrutura do local. Embora alguns indiquem áreas de atividade, os vestígios arqueológicos ocorrem por toda parte, revelando uma única mancha de material arqueológico. As dimensões dos sítios variam de 28 a 1788 m².

Todos os sítios se localizam no Estado de Goiás, entre o alto/médio Tocantins e o baixo Paranaíba (Figura 3). Parecem distribuir-se, portanto, de forma dispersa na borda leste da região, de relevo mais acidentado. A implantação dos sítios se dá em porções íngremes da paisagem (paredões rochosos e morros testemunhos). A cobertura vegetal de toda esta área é uniforme, inserida em extensa zona de cerrado. Os sítios GO-NI estão ainda próximos a uma área de tensão ecológica (onde se dá o contato entre diferentes ti-

pos de vegetação), tendo a nordeste (alto Paraná) uma zona de floresta. De qualquer forma, obser-

vações de campo situaram os sítios sempre em meio ao cerrado. Quanto à fertilidade de solo,

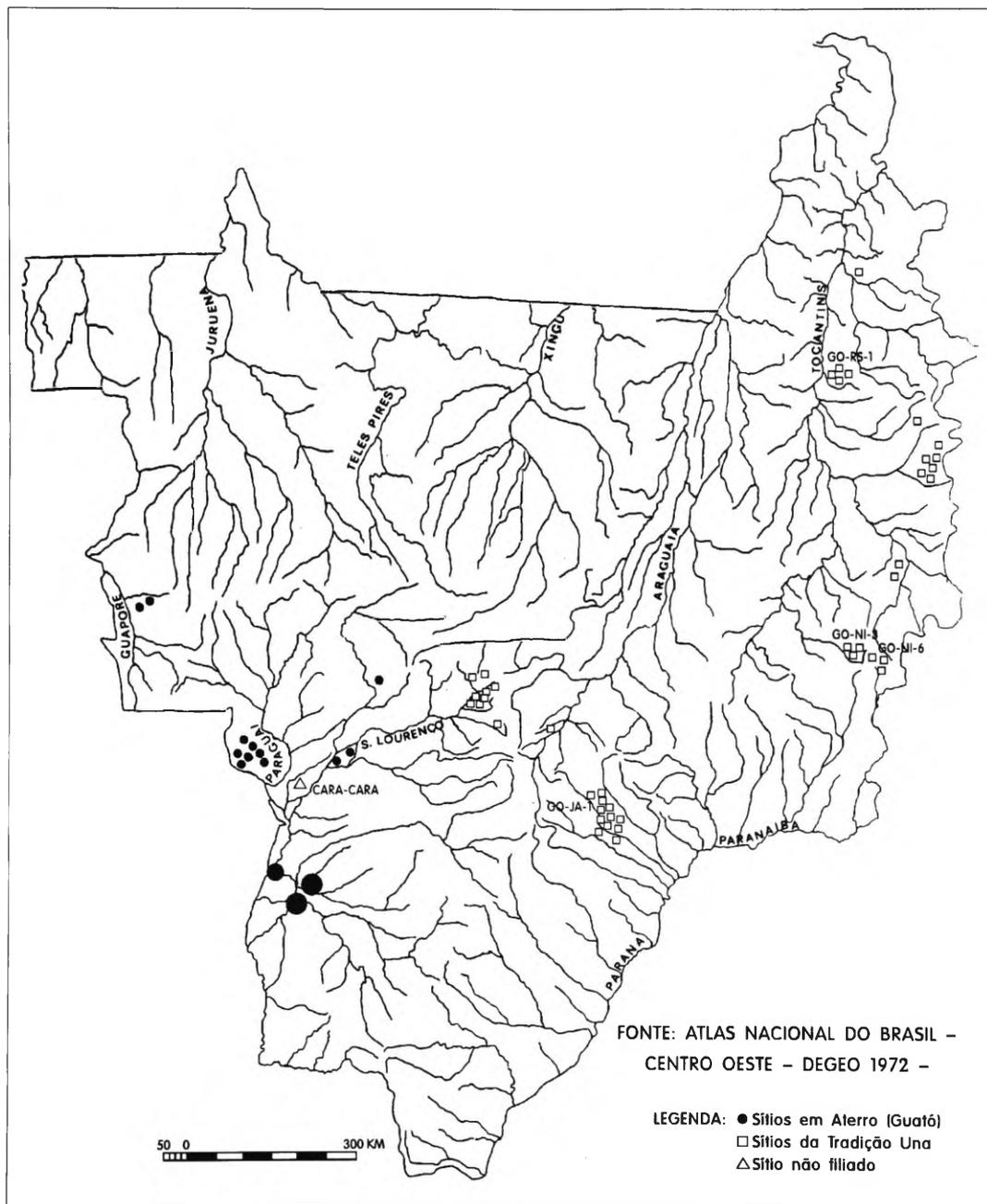


Fig.3 – Localização esquemática dos sítios associados à Tradição Una e Grupos Guató.
– Indicação dos sítios reunidos nos Conjuntos 5 e 7.

todos ocorrem em unidades de potencial baixo a fortemente limitado, desfavoráveis para a prática de agricultura intensiva.

Procurando avaliar as possibilidades de utilização dos rios enquanto meio de transporte (e suas implicações na própria origem dos grupos em questão), vemos que os sítios se encontram distantes de rios navegáveis de maior porte. GO-RS-01 é o que apresenta melhores condições, embora esteja em um trecho do Tocantins onde se intercalam porções de livre navegação e porções restritas às épocas de cheia. Já os sítios GO-NI e GO-JA não são acessíveis por transporte fluvial, por estarem em regiões de alto vale.

A partir destes dados parece possível sugerir que os sítios relacionados ao Conjunto 5 apresentam uma distribuição geográfica relativamente uniforme em termos ambientais. Entretanto, a indústria cerâmica apresenta, como vimos anteriormente, uma série de variações, que parecem obedecer ao eixo norte-sul e estar relacionadas à maior ou menor intensidade de contatos externos. Assim o sítio a norte, GO-RS-01, seria o mais “puro”, os sítios na porção média reuniriam uma quantidade um pouco maior de elementos externos e o sítio no extremo sul, GO-JA-01, apresentaria a maior diversidade.

GO-RS-01 corresponde, de fato, ao sítio mais antigo do Conjunto (410 a.C.). Já os demais estão datados no século XI de nossa era. Seria de esperar, portanto, que os sítios do século XI apresentassem um maior grau de semelhança entre si do que em relação ao sítio antigo. De fato, uma análise do dendrograma fornecido pelo teste de Cluster (Figura 3) indica uma proximidade imediata entre os sítios GO-NI-03 e 06. Todavia a eles se junta, pouco mais à frente, justamente o sítio GO-RS-01 e não seu contemporâneo GO-JA-01. Este último é o mais distante de todos, reunindo-se aos demais somente próximo à linha vertical que define o Conjunto.

Todos estes dados parecem remeter a um isolamento dos sítios no tempo e no espaço. No tempo, porque contamos com um lapso temporal expressivo (praticamente 1.500 anos entre GO-RS-01 e os demais sítios). No espaço, pela própria distância geográfica que os sítios apresentam entre si. Por outro lado, os padrões morfológicos, de implantação e distribuição lhes conferem uma inegável unidade, cujas implicações serão discutidas adiante.

Quanto às evidências de contatos externos, parecem diferir de área para área. Os sítios do alto Tocantins apresentam elementos da indústria Tupiguarani, tanto na forma de artefatos inteiros como de atributos técnicos e decorativos que passam a ser adotados. O fato de 100% dos vasilhames inteiros da indústria Tupiguarani apresentarem pequena capacidade (volume 1, até 1,0 litro) facilitaria seu suposto transporte. Já o sítio no baixo Paranaíba apresenta elementos da indústria Uru. Ao nosso ver, também esta diversidade na adoção de elementos externos indica a favor do isolamento dos sítios, já que as inovações parecem não terem sido transmitidas entre os sítios localizados em diferentes áreas.

Conjunto 2

Reúne 12 sítios: GO-CA-01 e 02; GO-NI-31, GO-RV-02, 13, 18, 34, 35, 41, 43, 66 e 78. Todos foram inicialmente relacionados à tradição Aratu (Wüst 1983, Schmitz *et alii* 1981/82).

Predominam aqui os vasilhames diretos (50,3%), seguidos pelos cônicos (26,9%) e vin-do, em terceiro lugar e em porcentagem muito inferior, os vasilhames infletidos (17,2%). As formas duplas ocorrem ainda na maioria dos sítios, embora em número reduzido (3,6%). Vasos de contorno complexo e pratos ocorrem em poucos sítios, indicando uma presença fortuita e possivelmente relacionada a fenômenos locais (2,0%).

O predomínio de vasos diretos sugere uma escala maior de atividades referentes ao preparo de alimentos do que à sua estocagem e/ou armazenamento. Estas últimas deveriam ter sido exercidas pelos vasilhames cônicos (preferencialmente de capacidade grande (4 a 20 litros) e extra-grande (acima de 20 litros)) e infletidos (média (1 a 4 litros) e pequena (até 1 litro)).

Os vasos diretos e cônicos parecem estar relacionados a um maior aprimoramento estilístico, com alta porcentagem de peças decoradas (respectivamente 22,1% e 29,9%). Seriam, ainda, menos permeáveis a elementos externos, apresentando baixa porcentagem de atributos relacionados a outras indústrias. Já os vasilhames infletidos mostram maior cuidado tecnológico, constituindo peças mais bem elaboradas e resistentes. Por outro lado, teriam absorvido maior número de elementos externos.

Os vasilhames de forma dupla sugerem o desenvolvimento de atividades específicas, embora

suas características gerais não parecem apontar uma maior especialização tecnológica. Ao contrário, os vasos de contorno complexo sugerem uma confecção mais aprimorada, constituindo peças com maior diversidade de características, apesar do pequeno número em que ocorrem. Quanto aos pratos, tem-se apenas 1 exemplar.

De um modo geral o Conjunto 2, embora apresente uma indústria qualitativamente homogênea (com sítios reunindo na maioria das vezes os mesmos atributos e variáveis), mostra consideráveis variações quantitativas, que se sobressaem em 7 dos 12 sítios que reúne (GO-CA-01 e 02; GO-RV-02, 34, 35, 66; GO-NI-31). Estes sítios apresentam, ainda, porcentagens superiores de elementos externos, que ora podem ser relacionados à indústria Uru, ora à Tupiguarani. Os primeiros sugerem contatos feitos a partir do fluxo de informações e/ou pessoas; os segundos incluem a possibilidade de fluxo de objetos.

Estas variações não parecem, entretanto, estar relacionadas a uma distribuição geográfica específica, uma vez que ocorrem em sítios localizados nas diferentes áreas abrangidas pelo Conjunto. Parecem se vincular, assim, a fenômenos locais, relativos a determinados assentamentos e refletindo uma maior independência entre suas unidades.

Este é o próximo Conjunto a apresentar datas mais antigas para sítios do Centro-Oeste: 171 anos d.C. para GO-CA-02 (Andreatta 1982) e 830-970 d.C. para GO-RV-02 (Schmitz *et alii* 1981/82). Dois outros sítios apresentam datas entre os séculos X-XI (GO-CA-01 com 1.095 d.C. e GO-RV-13 com 1.175 d.C. – Wüst 1983). Datações relativas enquadram ainda GO-RV-78 ao nível temporal 1 (correspondendo ao período compreendido pelos séculos IX-X), GO-RV-66 ao nível temporal 2 (séculos X-XI), GO-RV-35 e 43 ao nível temporal 3 (séculos XI-XII), GO-RV-18 e 34 ao nível temporal 4 (séculos XIII-XIV) e GO-RV-41 ao nível temporal 5 (século XV até contato com colonizador europeu) (Wüst 1983). Vê-se assim que 11 dos 12 sítios relacionados a este Conjunto têm datações do século IX em diante. Apenas 1 deles (GO-CA-02) é bem mais antigo, sugerindo maior antiguidade à ocupação.

A morfologia dos sítios é bastante homogênea. Todos correspondem ao tipo aldeia a céu aberto e apresentam formato anular com 1, 2 ou 3 anéis concêntricos. O número de concentrações de material varia de 14 a 91 (fornecendo uma

média de 46 concentrações) e a área média é de 129.596 m².

Como é possível visualizar na Figura 4, os sítios estão localizados de forma concentrada na porção sudeste (vale do Paranaíba e interflúvio Paranaíba/Tocantins), que apresenta características gerais bastante homogêneas. Em primeiro lugar, 100% dos sítios se encontra em relevo do “Planalto da Bacia Sedimentar do Paraná”. A vegetação varia entre floresta estacional semidecidual, decidual e área de transição ecológica. Apenas um sítio (GO-CA-02) está em zona de cerrado.

Os sítios parecem obedecer a um padrão de implantação na paisagem que dá preferência à média encosta, onde estão localizados 36,3% deles, além de 45,5% em alta/média encosta e 18,1% no plano. No potencial agrícola predominam solos de baixa fertilidade, com manchas de áreas fortemente limitadas a leste. Entretanto, os dados de campo indicam que 80% dos sítios estão localizados em zona de mata e 20% em mata/cerrado, revelando uma busca local de melhores solos. Quanto ao acesso dos sítios por via fluvial, o fato de estarem localizados nos médios/altos vales de afluentes do Paranaíba torna o aproveitamento bastante restrito, embora o próprio Paranaíba apresente, neste trecho, extensa porção totalmente navegável. Conclui-se, portanto, que os sítios ocorrem não apenas de forma concentrada em porção específica do Centro-Oeste, mas que esta porção apresenta ainda condições geomorfológicas bastante homogêneas, além de uma particular diversidade na cobertura vegetal, uma vez que está delimitada, a leste e oeste, por extensas áreas de cerrado.

Sem dúvida estes sítios apresentam padrões morfológicos, de implantação e de distribuição totalmente diversos dos identificados no Conjunto 5. Assim, mesmo sendo o Conjunto mais próximo em termos temporais e espaciais, indicam situações que parecem remeter a contextos culturais distintos.

Conjunto 1

Reúne 13 sítios: MT-GA-32, 33, 46, 48 e 52; MT-RN-32 e 46; MT-SL-24, 29 e 43; GO-JU-16, 23 e 34. Todos foram inicialmente relacionados à tradição Uru (Wüst 1990; Schmitz *et alii* 1981/82, Robrahn 1989, 1990).

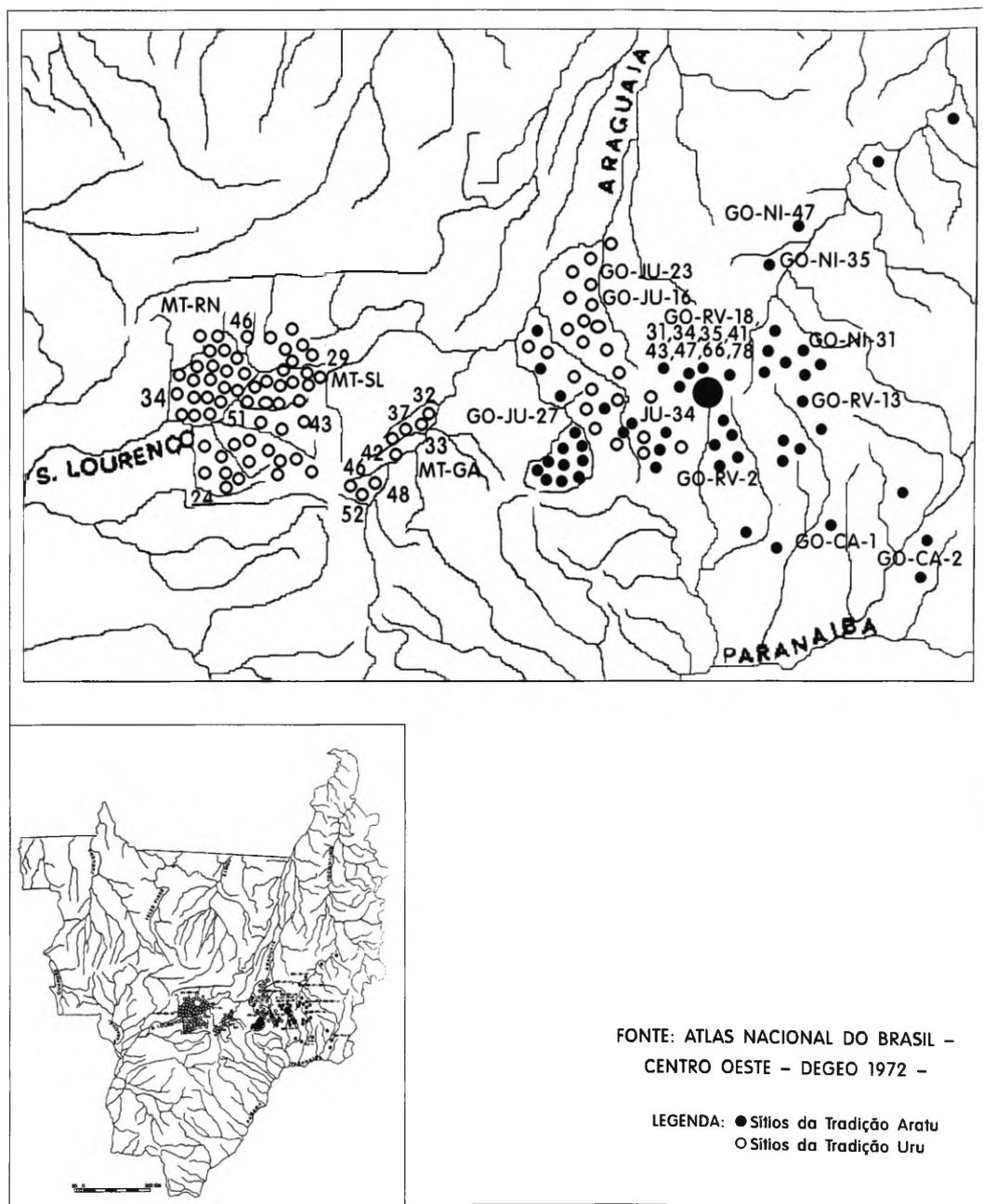


Fig. 4 – Localização esquemática dos sítios associados às Tradições Aratu e Uru.
– Indicação dos sítios reunidos nos Conjuntos 1, 2 e 4.

Este Conjunto apresenta a indústria cerâmica mais homogênea de todas as analisadas. Seus sítios mostram coleções que pouco dife-

rem, além de reunirem as mais baixas porcentagens de elementos que remetem a indústrias externas.

Temos aqui um largo predomínio de grandes vasilhames infletidos (73,6%, sendo 43,6% nas categorias de volume grande e extra-grande), cujas características morfológicas, tecnológicas e estilísticas permitem supor um uso cotidiano e doméstico, vinculado ao armazenamento e/ou estocagem de conteúdos de considerável peso e proporção. Constituem, ainda, as peças que se mostram menos permeáveis à introdução de elementos externos.

Exercendo possivelmente uma função complementar, os diretos (15,7%) se caracterizam por artefatos de menores proporções (80,3% nas categorias de volume médio e pequeno), destinados ao consumo individual e/ou estocagem de pequenos conteúdos. Alguns atributos tecnológicos e estilísticos parecem indicar maior facilidade na adoção de elementos externos.

Embora ocorrendo em baixas porcentagens (9,7%), os pratos também constituem artefatos típicos do Conjunto. Tradicionalmente relacionados à função de assadores, para beneficiamento da mandioca tóxica, fornecem os primeiros elementos sobre o padrão de abastecimento dos grupos em questão. Entretanto, o fato de a maioria apresentar pequena capacidade (volume de até 1,0 litro) não parece torná-los adequados para a produção de farinha em larga escala, embora possam ter sido utilizados, por exemplo, para assar o beiju.

A presença de vasilhames de contorno complexo em apenas 3 sítios (MT-GA-46 e 48, GO-JU-23) e com porcentagens bastante reduzidas (1,0%) parece refletir um fenômeno local e específico, referente a contatos culturais mantidos com grupos portadores de cerâmica Tupiguarani. A maneira com que ocorrem sugere que os contatos se dariam na forma de fluxos de informação e/ou pessoas.

Variações entre os 13 sítios reunidos no Conjunto 1 permitiram dividi-los em 2 grupos, segundo sua distribuição geográfica (vide Figura 4): os localizados no vale do Araguaia apresentam coleções cerâmicas diversificadas, além da presença mais expressiva de elementos que remetem a contatos com grupos externos (portadores de indústria Tupiguarani); já os sítios localizados a oeste, no vale do São Lourenço, apresentam menores índices de variação e de elementos externos, sugerindo tratar-se de sítios mais “puros”. A presença, ainda que rara, de artefatos com antiplástico cauxi sugere contatos culturais com grupos ao norte, na Amazônia, ou a oeste, na Bolívia, onde o elemento é largamente empregado.

Os 13 sítios reunidos neste Conjunto indicam uma ocupação mais tardia, entre os séculos VIII e XIII de nossa era. A datação mais antiga é de 800 ± 65 d.C. (MT-SL-29), tendo-se ainda 1.000 ± 60 d.C. (MT-SL-43), 1.260 ± 70 d.C. (GO-JU-23) e 1.360 d.C. (MT-SL-24) (Wüst 1990; Schmitz *et alii* 1982). O Conjunto apresenta, portanto, uma profundidade temporal menor do que a observada nos Conjuntos anteriores.

Quanto à morfologia, 11 sítios são anulares com 1, 2 ou 3 anéis concêntricos, tendo uma média de 41 concentrações e área média de 60.100 m². Um sítio tem forma de ferradura (GO-JU-16) e outro seria alongado (GO-JU-34). É possível, entretanto, que estes dois últimos constituam, igualmente, estruturas anulares: a planta do sítio em ferradura parece indicar que os trabalhos de campo se desenvolveram em apenas parte da área, delimitada pela cerca; para o sítio alongado ocorre o mesmo, sendo que os próprios autores informam não terem conseguido recuperar a forma completa da aldeia (Schmitz *et alii* 1982).

A distribuição dos sítios mostra uma nítida concentração na porção centro-oeste, tendo o vale do Araguaia como limite leste (Figura 4). Uma primeira análise ambiental parece dividir esta área de ocorrência em duas porções. Uma delas, reunindo os sítios do alto Araguaia e do médio/alto São Lourenço (siglas MT-GA, MT-SL e MT-RN) pertence à unidade de relevo denominada “Planalto da Bacia Sedimentar do Paraná”, apresenta vegetação de cerrado e solos com fertilidade baixa a fortemente limitada (embora uma mancha de solo com fertilidade média/alta no vale do São Lourenço possa estar próxima dos sítios MT-SL-29 e 43). A outra porção reúne os sítios da margem direita do Araguaia (siga GO-JU), onde se verificam condições ambientais mais diversificadas. O relevo varia entre a Planície do Bananal e a Depressão do Araguaia-Tocantins; a vegetação é formada por manchas que se entremeiam, entre cerrado e áreas de tensão ecológica; e os solos apresentam fertilidade variando entre baixa e fortemente limitada. As duas porções se diferenciam, assim, por uma maior diversidade geomorfológica e vegetal para os sítios à direita do Araguaia, enquanto os sítios à sua esquerda contariam com um ambiente mais homogêneo.

Esta divisão parece ocorrer, igualmente, para algumas das características apresentadas pelos sítios. Aqueles que apresentaram possíveis variações

morfológicas (GO-JU-16 com formato de ferradura e GO-JU-34 com formato alongado) estão na margem direita do Araguaia. Aí se encontram, também, os 2 únicos sítios implantados em terrenos planos de fundo de vale (66,7% - GO-JU-16 e 23), enquanto o outro sítio (33,3% - GO-JU-34) está em declive suave. Já na margem esquerda os sítios ocorrem tanto em declive suave (40%), média vertente (20%), alta vertente (10%), topo de colina (10%) e terraço (10%).

Quanto à filiação cultural, embora todos os 13 sítios do Conjunto tenham sido relacionados à tradição Uru, foram divididos em uma grande quantidade de fases (Itapirapuã, Aruanã, Jaupaci e Uruaçu), indicando grande diversidade interna. Mesmo assim, os sítios podem ser divididas em 2 grupos, tendo novamente o vale do Araguaia como linha divisória: os sítios a oeste (vale do São Lourenço) mostram coleções cerâmicas menos diversificadas e com quantidade bem mais reduzida de elementos que remetem a indústrias externas; situação inversa é oferecida pelos sítios do Araguaia.

A mesma divisão é fornecida pelo teste de Cluster (Figura 2): de um lado estão os de sigla MT-GA e GO-JU (do Araguaia para leste) e do outro os de sigla MT-SL e MT-RN (a oeste). Como única exceção tem-se MT-RN-32 que, embora localizado no alto Paraguai, faz parte do bloco do leste.

Todos estes dados sugerem, em primeiro lugar, que os sítios reunidos no Conjunto 1, embora obedeçam a uma série de padrões (formando a unidade mais homogênea de todos os Conjuntos), apresentam variações que remetem muito mais a diferenciações internas (inter-sítios) do que a elementos de origem externa. Em segundo lugar, que existe uma variação entre os sítios localizados a oeste, no vale do São Lourenço, e os sítios a leste, no vale do Araguaia. As evidências sugerem que os primeiros constituiriam assentamentos mais "puros", talvez representando o local de origem e/ou dispersão dos sítios a leste. Neste sentido a posição de MT-RN-32 no dendrograma de Cluster sugere que estaria relacionado a este suposto momento de dispersão, pois apresenta características mais semelhantes aos assentamentos do Araguaia.

Conjunto 3

Reúne 6 sítios: MT-SL-03, MT-RN-22, GO-JA-07, GO-CA-05, GO-JU-36 e o Aterro Capivara. Os 2 primeiros sítios foram inicialmente classifica-

dos como intra-componenciais, apresentando indústrias relacionáveis às tradições Uru e Tupiguarani (Wüst 1990); o terceiro sítio foi classificado como Tupiguarani (Fensterseifer & Schmitz 1975), os 2 seguintes foram relacionados à tradição Aratu (Schmitz et alii 1981/82) e o último sítio possivelmente a grupos Guató (Oliveira 1993, 1995) (Fig. 5).

A indústria cerâmica deste Conjunto se caracteriza por apresentar porcentagens semelhantes de vasilhames diretos (38,1%) e infletidos (37,6%), seguidos pelos de contorno complexo (12,8%), constituindo seus artefatos característicos. Apenas 2 sítios têm peças cônicas (10,6%) e pratos (0,7%), indicando uma presença fortuita e possivelmente relacionada a fenômenos locais.

Os vasilhames diretos são as peças de maior peso, solidez e resistência da indústria, sugerindo um uso preferencial em atividades domésticas e quotidianas. São geralmente decorados com motivos plásticos. Os vasos infletidos e os de contorno complexo apresentam maiores volumes que os diretos, embora com menor peso, solidez e resistência. São preferencialmente decorados com pintura e engobo.

Sem dúvida a decoração é um elemento mais expressivo neste Conjunto do que nos demais analisados, uma vez que está associado a um número bem mais elevado de artefatos (38,7%) e tem maior variação de motivos. Isto poderia retratar uma maior diversidade funcional, tanto entre vasilhames de um mesmo contorno, como dos diferentes contornos entre si.

Ao contrário dos Conjuntos 1 e 2, onde apenas alguns sítios apresentam variações expressivas, aqui isto ocorre em todos os casos. Cada sítio remete, ainda, a situações de contato com portadores de indústrias cerâmicas distintas, apontando para uma situação de grande diferenciação interna, bem como uma elevada permeabilidade de interferências externas, sugerindo uma diversificação cultural e um isolamento de grupos locais no tempo e/ou no espaço.

Este Conjunto reúne sítios em situações bem mais diversificadas que os Conjuntos anteriores. A única datação disponível é para o sítio MT-SL-03, de 860 ± 75 d.C (Schmitz 1976/77). As características de implantação apresentam variações: declive suave (GO-JU-36), alta/média colina (MT-RN-22) e terraço fluvial (MT-SL-03). São apenas 2 as referências sobre morfologia, varian-

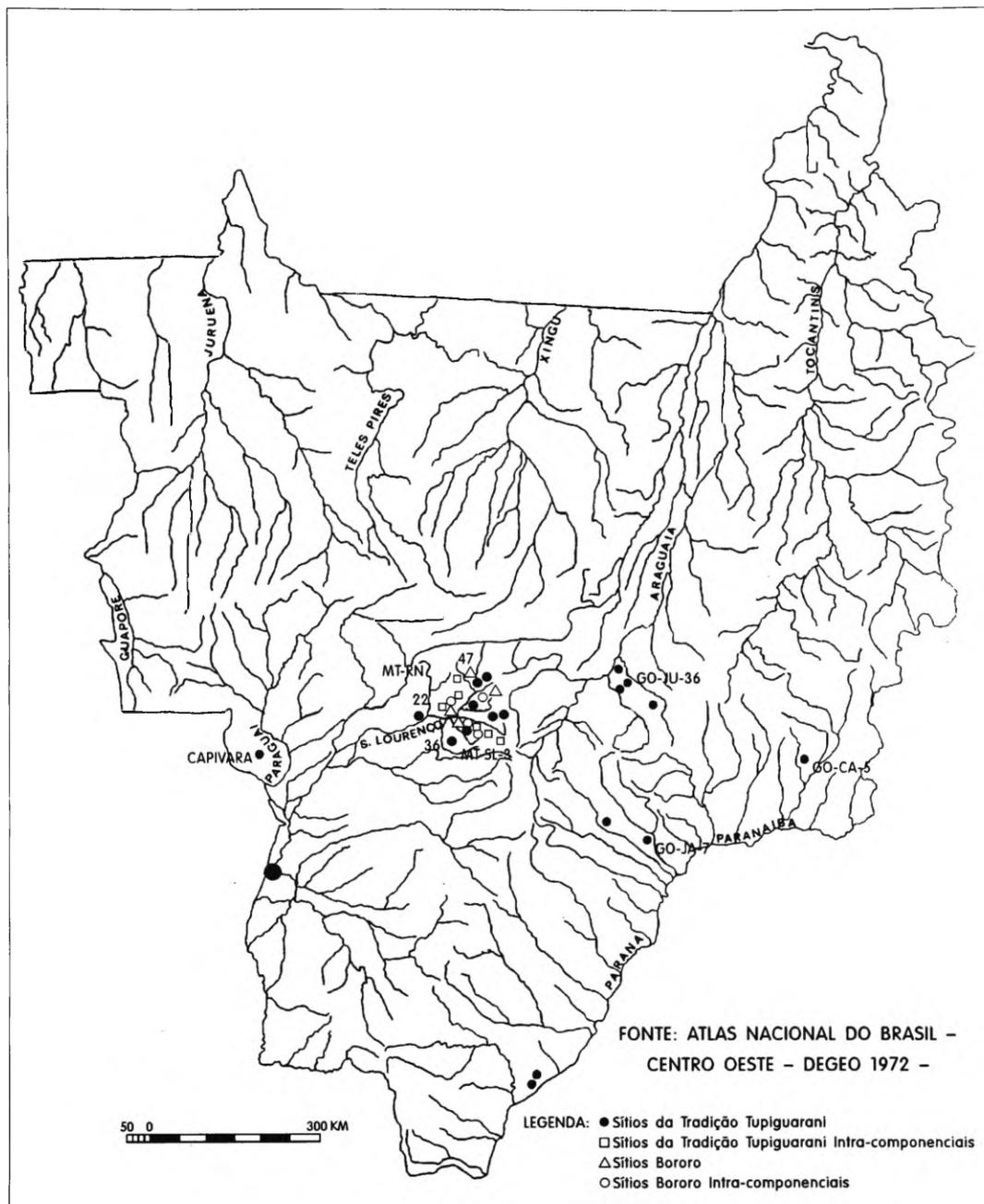


Fig. 5 – Localização esquemática dos sítios associados à Tradição Tupiguarani e Grupos Bororo. – Indicação dos sítios reunidos nos Conjuntos 3 e 6.

do de elíptico formado por 13 concentrações (GO-JU-36) a ovalado formado por concentração úni-

ca (sítio em aterro). Apenas GO-JU-36 permitiu medições totais, fornecendo área de 45.000 m².

Sua distribuição pela região Centro-Oeste se dá de forma mais dispersa: do pantanal sul-matogrossense ao alto Paraguai, alto Araguaia, alto Tocantins e baixo Paranaíba (Figura 5). Com isto, as características ambientais são igualmente diversificadas. As unidades de relevo variam de zonas de pantanal (sítio em aterro), zonas de planalto da bacia sedimentar do Paraná (sítios com sigla MT-SL e RN, GO-JA), zonas de planalto goiano (GO-CA) e planície do Bananal (GO-JU). A cobertura vegetal se mostra um pouco mais homogênea: cerrado para o sítio em aterro e siglas MT-SL, MT-RN, GO-CA e GO-JA; e área de tensão ecológica para a sigla MT-JU. Os solos apresentam fertilidade variando entre baixa e fortemente limitada.

Quanto à indústria cerâmica, os 6 sítios mostram uma permeabilidade bem maior à adoção de elementos externos, fortemente relacionada às indústrias Uru e Aratu. Entretanto, se a intromissão de elementos externos em sítios Tupiguarani parecer-se dado a partir de fluxos de informações e/ou pessoas, a intromissão, por outro lado, de elementos Tupiguarani no Conjunto 1 (Uru) e 2 (Aratu) estaria ao menos parcialmente relacionada a artefatos prontos, remetendo a formas distintas de contatos culturais.

Uma análise do dendrograma fornecido pelo teste de Cluster (Figura 2) demonstra uma correspondência inicial entre os sítios do vale do São Lourenço (MT-SL-03 e MT-RN-22), aos quais se junta, mais adiante, GO-JA-01; e entre os sítios a leste do Araguaia (GO-JU-36 e GO-CA-05) e o aterro Capivara.

Conclui-se, portanto, que embora este Conjunto seja formado por sítios que apresentam uma cerâmica marcadamente Tupiguarani, constituem casos bastante distintos, definindo uma situação que não pode ser equiparada à homogeneidade apresentada pelos Conjuntos 1 e 2. Se esta situação deriva de um isolamento dos assentamentos no tempo e/ou espaço, levando a uma maior diferenciação interna, ou se já se contaria com uma diversidade na própria origem dos grupos é ainda questão em aberto.

Conjunto 4

Reúne 9 sítios: MT-GA-37, MT-SL-04 e 51, GO-NI-35 e 47, GO-JU-27, GO-RV-31 e 47, MT-GA-42. Os 6 primeiros foram inicialmente relacionados à tradição Uru (Robrahn 1989, 1990; Wüst

1990; Schmitz *et alii* 1981/82), os 2 seguintes à tradição Aratu (Wüst 1983) e o último à tradição Una (Robrahn 1989, 1990).

Sua indústria cerâmica reúne, de fato, um misto das características apresentadas pelo Conjunto 1 e pelo Conjunto 2. Seus vasilhames característicos são os diretos (51,4%), infletidos (36,2%) e pratos (3,0%), presentes na maioria dos sítios e abarcando grande parte de seus artefatos. Em alguns têm-se ainda contornos cônicos (7,6%), complexos (1,6%) e, em apenas 1 sítio, uma única peça de forma dupla (0,2%).

O fato de predominarem os vasilhames de contorno direto, seguido pelos infletidos e, depois, pelos cônicos, indica que esta indústria guarda as características morfológicas do Conjunto 2. Já seus atributos tecnológicos e estilísticos remetem ao Conjunto 1. Considerando que a forma dos vasilhames está fortemente relacionada à função, seria possível sugerir que as atividades econômicas desenvolvidas pelos grupos em questão estejam mais relacionadas ao Conjunto 2. Por outro lado, o predomínio de elementos tecnológicos e estilísticos do Conjunto 1 talvez indique uma maior influência de seus ceramistas (em termos qualitativos e/ou quantitativos), bem como uma continuidade de seus valores estéticos e simbólicos.

O predomínio das atividades relacionadas ao Conjunto 2 também é sugerido pelos poucos pratos que esta indústria apresenta, ocorrendo sempre com capacidades pequenas (volume de até 1,0 litro) e com atributos morfológicos e estilísticos notadamente simplificados. Uma vez que estes artefatos são característicos do Conjunto 1 e que se relacionam à função de beneficiar a mandioca amarga, esta atividade deve ter se processado em escala bem mais reduzida nos sítios reunidos pelo Conjunto 4.

Da mesma forma, a presença de apenas 1 vasilhame de forma dupla na indústria sugere que a atividade específica à qual se relaciona tenha sido praticamente extinta.

Esta indústria apresenta significativas variações em todos os sítios, embora seja possível dividi-los em 3 grupos, conforme sua distribuição geográfica (Figura 4). O primeiro reúne os sítios localizados no vale do São Lourenço, nos quais predominam os elementos que remetem à indústria Uru. O segundo grupo reúne os sítios localizados no vale do Paranaíba, onde predominam os elementos da tradição Aratu. O terceiro grupo é formado pelos sítios localizados no vale do

Araguaia, apresentando uma mescla entre os elementos que remetem tanto a uma como a outra indústria. Assim o Conjunto 4, além de reunir sítios cuja cerâmica constitui um misto de elementos Uru e Aratu, apresenta consideráveis variações regionais, que podem estar relacionadas a processos culturais distintos. Por outro lado, a ocorrência de baixa porcentagem de vasilhames de contorno complexo em sítios relacionados aos 3 grupos parece indicar relações indistintas com portadores de cerâmica Tupiguarani.

Os sítios se distribuem pelo alto/médio Araguaia, alto Paraguai, alto Tocantins e baixo Paranaíba (Figura 4). Reúne 8 sítios a céu aberto e 1 em abrigo (MT-GA-42). As datações indicam um período um pouco mais tardio: a data mais antiga é de 1.250 d.C. (sítio MT-SL-04, Wüst 1990) e a mais recente 1.420 d.C. (sítio GO-NI-35, Schmitz *et alii* 1981/82). Tem-se ainda 1.360 d.C. para MT-SL-51 (Wüst 1990) e duas datações relativas para GO-RV-31 e 47, ambos relacionados ao nível temporal 5 (estimado entre o século XIII e o contato com o colonizador europeu – Wüst 1983).

A implantação dos sítios na paisagem se dá de forma diversificada, indicando inclusive o aproveitamento de locais ainda não observados nos demais Conjuntos de Sítio: topos de morro, morro testemunho, encosta de chapadão, encosta média-inferior, colina baixa, planos e terraços.

A morfologia dos sítios a céu aberto indica estruturas anulares com 1 a 2 anéis. Apenas 1 sítio (GO-RV-31) permitiu o reconhecimento do total de concentrações, em número de 11. De qualquer forma, os outros sítios não forneceram números mais elevados. A média de área dos sítios é de apenas 14.816 m². Define, portanto, aldeias consideravelmente menores do que as reunidas nos demais Conjuntos. Já o sítio em abrigo MT-GA-42 é formado por uma única concentração de material, de formato irregular e área de 29 m².

A área de dispersão dos sítios apresenta, sem dúvida, características ambientais bastante diversificadas. Os de sigla MT-SL, MT-RN e MT-GA se encontram no relevo da Bacia Sedimentar do Paraná; os de sigla GO-NI e GO-RV no Planalto Goiano; e o de sigla GO-JU na Depressão do Araguaia/Tocantins. Quanto à cobertura vegetal, o cerrado reúne a maior parte dos sítios (siglas MT-SL, MT-RN, MT-GA e GO-NI). Em áreas de tensão ecológica está o sítio de sigla GO-JU e em área de floresta caducifólia os sítios GO-RV. Solos de me-

lhor potencial agrícola ocorrem para os sítios GO-RV (média/alta fertilidade) e GO-NI (localizados em área que apresenta manchas de solos de baixa, alta e média/alta fertilidade). Todos os demais sítios estão em unidades de fertilidade baixa a fortemente limitada. Com isto, os sítios do Conjunto 4 apresentam características mais diversificadas de implantação e localização na paisagem que as definidas para os Conjuntos 1 e 2 (dos quais possivelmente tenham originado), parecendo corresponder a um misto de ambos.

Como vimos acima, o mesmo se observou na análise da indústria cerâmica. Seus artefatos reúnem traços mais relacionados à indústria do Conjunto 2 (Aratu) nos sítios: GO-RV-31, 47 e GO-NI-35. Os 2 primeiros haviam sido, de fato, inicialmente relacionados àquela tradição; já GO-NI-35 foi associado à Uru. Por outro lado, MT-SL-04 e GO-JU-27 apresentam elementos da indústria Tupiguarani, inclusive na forma de artefatos inteiros. O sítio MT-SL-04 foi inicialmente classificado como Tupiguarani/Uru.

Uma análise do dendrograma fornecido pelos teste de Cluster (figura 2) também indica a formação inicial de dois blocos, um formado pelos 5 sítios Uru e o sítio Una (MT-GA-42) e o outro bloco pelos 2 sítios classificados como Aratu.

Uma vez que as datações indicam um período de ocupação mais recente, a emergência de uma nova indústria, que reúne características de diferentes ocupações ceramistas já anteriormente presentes na região, sugere uma situação de intensos contatos culturais, relacionada a um fenômeno notadamente distinto dos sugeridos para os Conjuntos de Sítio 1, 2, 3 e 5, anteriormente analisados.

Por fim, a presença de 1 sítio da tradição Una parece atribuir ao Conjunto 4 uma matriz ainda mais complexa e diversificada, que poderia estar relacionada ao próprio desaparecimento dos assentamentos de ceramistas Una e Aratu na região Centro-Oeste (esta discussão será retomada mais adiante).

Conjunto 6

Reúne 2 sítios: MT-RN-36 e 47, o primeiro relacionado a grupos Bororo, o segundo a grupos Bororo e tradição Tupiguarani (Wüst 1990).

Embora sua indústria seja morfologicamente simples, com largo predomínio de vasos diretos (92,1%), além de infletidos (6,1%) e raros complexos (1,8%), são tecnicamente melhor con-

feccionados do que as demais indústrias analisadas. O número de artefatos presentes, bem como o próprio tamanho que apresentam (entre pequenos, médios e grandes) permite inferir uma utilização mais generalizada e diversificada do que a sugerida pelo Conjunto 5, onde também contamos com uma indústria simples. Em ambos os sítios nota-se a presença de atributos típicos da tradição Tupiguarani. Em MT-SL-47 é notável a clareza com que se definem seus artefatos, sugerindo um nível mais complexo de relações culturais.

Este Conjunto é formado por 2 sítios a céu aberto localizados no vale do São Lourenço (alto Paraguai - Figura 5). A presença em MT-RN-36 de vidro e metal indica uma ocupação bastante recente, do final do século XIX ou início do XX (Wüst 1990).

Por estarem bastante próximos entre si, revelam um ambiente homogêneo. Ocupam a unidade de relevo denominada Planalto da Bacia Sedimentar do Paraná, que apresenta uma cobertura vegetal de cerrado e solos de fertilidade baixa a fortemente limitada. Os sítios estão implantados em terraço fluvial e em área de mata. A morfologia é provavelmente anular. Dimensões totais não foram obtidas, mas de qualquer maneira os sítios não seriam muito pequenos, já que o eixo mínimo é de 120m.

Embora a análise da cerâmica tenha indicado variações, o fato de se contar apenas com 2 sítios dificulta uma definição mais precisa. A presença de cerâmica Tupiguarani (embora de forma bem mais evidente em MT-RN-47) pode ser considerada uma característica da indústria e não intrusão de elemento externo, como sugerem outros Conjuntos analisados. Como veremos adiante, de fato a formação do grupo Bororo teria recebido contribuições de ceramistas Tupiguarani e, ao menos em MT-RN-47, é possível que seus artefatos ocorram na forma de vasilhames inteiros, em paralelo a uma cerâmica distinta, que remete à relacionada aos grupos Bororo.

Por fim, a presença de uma peça com antiplástico cauixi em MT-RN-36 deve constituir um indicador de contatos externos, talvez relacionado a grupos amazônicos ou chaquenhos.

Conjunto 7

Reúne apenas 1 sítio, Morro do Cará-Cará, que parece ter sido utilizado por diferentes gru-

pos culturais, entre eles os ceramistas Tupiguarani. De fato, alguns elementos de sua cerâmica podem lhe ser relacionados, embora outros pareçam remeter à tradição Chaquenha, típica dos aterros do Pantanal. O fato de este sítio ter sido tão marcadamente isolado pelo teste de Cluster sugere que se trate de um novo contexto de ocupação, que necessita ser melhor investigado.

O sítio não apresenta datação. Localizado na porção noroeste da zona do Pantanal (Figura 3), encontra-se em relevo de planície, com cobertura vegetal formada por áreas de cerrado e áreas de tensão ecológica. O solo apresenta fertilidade fortemente limitada.

Trata-se de um sítio em abrigo, de morfologia tendendo à ovalada. A indústria cerâmica é bastante simples, talvez reflexo da pequena quantidade de peças disponíveis. Mesmo assim, tem-se informação de que este sítio reuniria ao menos vestígios de duas ocupações distintas, uma delas Tupiguarani (M. Lúcia Pardi, comunicação pessoal). A cerâmica não permite, entretanto, evoluir a questão.

A ocupação do Centro-Oeste por grupos ceramistas

As análises desenvolvidas indicam que os 7 Conjuntos de sítio apresentam grande diversidade de características tanto na distribuição dos assentamentos, implantação na paisagem, morfologia, cronologia, como nas indústrias cerâmicas que lhes são associadas. Algumas destas características remetem, como veremos adiante, a diferentes contextos arqueológicos extra-regionais; outras parecem derivar de processos locais de interação cultural, podendo até mesmo resultar da emergência de grupos culturais localizados. Com isto, partimos da suposição de que cada Conjunto de Sítio esteja relacionado a um grupo cultural distinto, e como tal passam a ser considerados nas discussões que se seguem.

Certamente estaremos lidando, no atual estágio de conhecimento, com categorias sociológicas extremamente genéricas, sobretudo se pretendemos investigar as variações embutidas em cada Conjunto, que podem até mesmo compreender unidades sócio-culturalmente diversas. Mesmo porque, o conceito de “grupo cultural” aqui utilizado diz respeito à análise relacional entre padrões, sem vínculo à identidade étnica (para uma discussão

do problema vide Schortman 1989). Apresentamos aqui, assim, uma discussão sobre os processos mais amplos de desenvolvimento de cada grupo, bem como seus principais pontos de convergência ou dissociação.

O início da ocupação ceramista no Centro-Oeste

Os primeiros grupos ceramistas a ocuparem a região estariam relacionados, na presente pesquisa, ao Conjunto de Sítios nº.5 e, no contexto arqueológico regional, à parte dos sítios da tradição Una. Embora sua origem certamente esteja vinculada a processos tanto de ordem interna quanto externa, suas proporções teriam variado significativamente de área para área. Uma melhor compreensão dos processos internos esbarra, todavia, no quadro de conhecimento ainda extremamente genérico sobre as antigas ocupações de grupos caçadores e coletores dos quais teriam, ao menos em parte, derivado.

A bibliografia discute que, aproximadamente a partir de 6.500 anos a.C., contaríamos com a emergência na região Centro-Oeste de diferentes grupos caçadores e coletores, correspondendo a uma adaptação frente a transformações ambientais ocorridas durante o período Altitermal (que se estende de 8.500 a 4.000 A.P.), quando a temperatura e a pluviosidade ter-se-iam elevado, causando modificações no sistema de abastecimento dos grupos – e, conseqüentemente, no quadro de artefatos que apresentam (Schmitz 1987: 71; Ab'Saber 1977; Bigarella 1971). Esta situação também teria influenciado na definição de um padrão de assentamento diverso do observado para os grupos caçadores-coletores mais antigos (“paleo-índio”), que ocupavam a região ao menos a partir de 10.000 anos a.C.: enquanto os vestígios destes últimos parecem ocorrer por toda a região Centro-Oeste, permitindo inferir uma distribuição generalizada e principalmente na forma de sítios a céu aberto, os vestígios relacionados aos caçadores mais recentes são raros e quase exclusivamente em abrigos, com localização restrita a áreas de relevo atormentado (altos vales do Paranaíba, Araguaia, Tocantins e São Lourenço, além da Chapada dos Parecís).

Embora a questão da origem dos caçadores-coletores mais recentes ainda esteja em aberto (se representam uma adaptação dos grupos mais antigos, uma substituição populacional ou um misto de ambos) é notável que, em primeiro lugar, seus

padrões gerais de assentamento parecem ser não apenas diferentes dos observados entre os “paleo-índios”, mas excludentes, na medida em que demonstram um aproveitamento de áreas com características ambientais notadamente diversas das anteriores. Um estudo bastante detalhado desta situação é fornecido por Wüst (1990) para o vale do São Lourenço.

Em segundo lugar, é notável que este padrão tenha persistido até o período de surgimento dos primeiros grupos ceramistas na região, quando as condições ambientais já se haviam modificado, permitindo, *a priori*, uma distribuição mais generalizada dos assentamentos. A falta de maiores dados torna difícil analisar quais os fatores que teriam definido a ocupação e possível permanência dos caçadores-coletores recentes nas áreas mais íngremes. Sem dúvida estas questões fogem ao campo de atuação da presente pesquisa, embora se mostrem fundamentais quando revelam definir, igualmente, o padrão geral de assentamento dos primeiros grupos ceramistas.

Uma série de evidências materiais e estratigráficas indica de forma cada vez mais clara uma continuidade entre as ocupações de caçadores-coletores e dos primeiros grupos ceramistas. Assim é que sítios do alto Araguaia, alto Tocantins e vale do São Lourenço não apresentam ruptura estratigráfica entre as ocupações, além de suas indústrias líticas conservarem os mesmos padrões gerais tecnológicos e morfológicos (Schmitz *et alii* 1986, Robrahn 1989, Simonsen *et alii* 1983/84, Wüst 1990). Embora esta associação tenha sido explicitada para alguns sítios, seu reconhecimento a nível regional é importante, na medida em que permite estabelecer uma continuidade não apenas tecnológica, mas principalmente relacionada ao padrão de assentamento dos grupos. A distribuição dos sítios revela uma preferência bastante clara pelas porções de relevo mais atormentado, referentes aos altos cursos dos rios principais ou de seus afluentes, onde se encontram os abrigos, paredões rochosos e morros testemunhos que passam a ser ocupados – coincidindo com as áreas e, na grande maioria dos casos, com os próprios abrigos ocupados pelos caçadores-coletores recentes.

Outro fator importante é que, como em nenhum outro contexto cerâmico do Centro-Oeste, neste caso os grupos locais já vinham passando, desde longa data, por processos de mudança cultural que tornariam a adoção da cerâmica um “cami-

nho natural". Ao menos no vale do São Lourenço grupos caçadores-coletores teriam desenvolvido a prática do cultivo séculos antes da ocorrência da primeira cerâmica (Wüst 1990) e é possível que o mesmo tenha ocorrido em outras áreas.

Nas demais porções do Centro-Oeste, embora muitas vezes as sondagens novamente indiquem a presença de vestígios de grupos caçadores-coletores, observa-se uma ruptura entre as camadas, sugerindo tratar-se de momentos distintos de ocupação. São elas: o baixo Paranaíba (região de Seranópolis – Schmitz *et alii* 1989), o abrigo Santa Elina na Serra das Araras e o sítio Ferraz Egreja no vale do Vermelho (embora as informações não sejam muito claras para os 2 últimos casos – Vialou 1983/84, 1987). As poucas datações disponíveis indicam aqui uma ocupação mais tardia (séculos X-XI de nossa era), talvez correspondendo ao deslocamento de grupos ceramistas dentro da própria região Centro-Oeste. De qualquer maneira, continuam mantendo os padrões de distribuição, implantação e morfologia de sítio.

Dentro de todo este contexto, parece possível concluir que a formação dos primeiros grupos ceramistas do Centro-Oeste abranja grupos caçadores-coletores que anteriormente ocupavam a região. Entretanto, as diferentes situações observadas, bem como a própria distância geográfica que as concentrações de sítio apresentam entre si, parecem remeter muito mais a fenômenos locais do que a uma substituição tecnológica e/ou mudança cultural a nível regional. Mesmo porque, os dados disponíveis não indicam uma ocupação anterior intensiva: ao que tudo indica os sítios relacionados aos grupos caçadores-coletores recentes ocorrem apenas em determinadas porções do Centro-Oeste e em número reduzido. Desta forma os primeiros grupos ceramistas potencialmente já deveriam apresentar, desde sua origem, significativas variações locais.

De fato, estudos mais amplos e recentes sobre as primeiras ocupações ceramistas da América (Hoopes 1994) alertam que os modelos difusionistas tradicionalmente apresentados não conseguem explicar as consideráveis variações que apresentam. A adoção da cerâmica estaria relacionada, portanto, a processos altamente variáveis, não tendo sido nem rápida nem uniforme, indicando inclusive uma maior probabilidade de invenção local (idéia já apresentada por Roosevelt em seu trabalho de 1992: 68).

É possível que a presença de ceramistas iniciais nas diferentes áreas do Centro-Oeste derive de fenômenos com diferentes combinações e intensidades nos fluxos de informação, objetos e pessoas. Isto é sugerido, em primeiro lugar, pela própria cronologia dos assentamentos. Os sítios mais antigos foram identificados em áreas bastante distantes entre si: o médio Tocantins (410 a.C. – Barbosa *et al.* 1982) o alto Guaporé (5 d.C. – Miller 1983, 1987) e o vale do São Lourenço (430 a.C. – Irmhild Wüst, comunicação pessoal). As demais datações indicam uma lacuna temporal considerável: séculos VIII a XIII d.C. para o Tocantins e baixo Paranaíba, porções igualmente distantes entre si.

Embora se conte com poucas datas, a descontinuidade temporal dos assentamentos sugere ao menos dois momentos distintos de ocupação. Estes dados permitem supor que as diferentes formas de contato teriam mantido um caráter independente e isolado, não apenas na origem como provavelmente durante todo o período em que estes grupos continuam presentes na região. Esta suposição pode ser reforçada, ainda, pelo teste de Cluster, onde a análise do dendrograma indica uma forte separação entre GO-NI-06 e GO-JA-01, 2 sítios que pertenceriam ao mesmo movimento de ocupação (segundo movimento, séculos X-XI de nossa era).

O caráter independente e isolado destas ocupações é também sugerido pela descontinuidade geográfica de seus assentamentos. Como é possível visualizar na Figura 3, os sítios reunidos no Conjunto 5 se localizam em determinadas porções do Centro-Oeste e sempre em número reduzido. A situação é a mesma se considerarmos o total de sítios relacionados à tradição Una, mesmo que nem todos façam parte desta ocupação ceramista inicial (como é ao menos o caso de MT-GA-42, pertencente ao Conjunto 4).

Especialmente no caso destes sítios a realização de pesquisas mais sistemáticas de campo deve alterar, ao menos em parte, a situação que apresentam. Isto porque, em primeiro lugar, a maioria dos sítios conhecidos foi definida como de atividade específica, carecendo que se identifiquem, obviamente, seus contextos de ocupação. Por outro lado, a baixa quantidade de vestígios arqueológicos, aliada à sua antiguidade e possível profundidade estratigráfica dificulta, sem dúvida, seu reconhecimento em campo. Mesmo que uma maior quantidade de sítios com cerâmica Una venha a ser identificada,

sua distribuição deve se limitar, de fato, a determinadas porções do Centro-Oeste, já que prospecções amplas e sistemáticas realizadas, por exemplo, em área do Mato Grosso de Goiás não identificaram sua presença.

Outro indício a favor do isolamento está relacionado aos contatos externos a que os sítios de cada área parecem remeter. Como vimos anteriormente, os sítios do alto Tocantins apresentam elementos da indústria Tupiguarani e o sítio do baixo Paranaíba elementos da indústria Uru, enquanto o sítio do médio Tocantins parece não apresentá-los. O problema, certamente, não está na diversidade dos contatos, uma vez que dependem da própria presença, em uma ou outra área, de grupos externos. O problema está na sua individualidade, ou seja, no fato de que as inovações parecem não ter sido transmitidas, mesmo tendo desempenhado um papel fundamental no próprio desenvolvimento tecnológico e morfológico da indústria.

Esta é, ainda, a indústria cerâmica que, em termos regionais, mais apresentou dúvidas para a associação de sítios. O próprio GO-RS-01, integrante de nosso Conjunto 5, ao lado de outros 3 sítios próximos, deu origem à “fase Pindorama”, que por muitos anos não foi associada a qualquer indústria do Centro-Oeste. Mais tarde foi classificada enquanto “aparentemente Aratu” (Schmitz *et alii* 1981/82), estando hoje relacionada à tradição Una. Da mesma forma, sítios em abrigo identificados no vale do São Lourenço não tiveram uma associação imediata à tradição Una, embora se tenham reconhecido semelhanças gerais de suas indústrias (Wüst 1990: 255).

Assim, as características de distribuição desta primeira ocupação ceramista no Centro-Oeste, bem como as variações que apresenta em termos cronológicos e materiais, parecem indicar uma forte individualidade de suas manifestações, remetendo a insumos independentes, embora talvez com uma origem cultural comum. Não seria possível, portanto, definir uma única rota de penetração para estes grupos, mas sim diferentes rotas que teriam convergido ao Centro-Oeste, bem como se movimentado em seu interior.

Este esquema pressuporia a presença de grupos ceramistas externos nas circunjunções da região Centro-Oeste, embora não necessariamente de forma sincrônica. No modelo de Brochado, os assentamentos relacionados à tradição Una estariam vinculados a um processo lento de difusão da

cerâmica mais antiga da América do Sul, denominada Estilo Pedra do Caboclo e originária do médio Amazonas (Brochado 1984). Daí resultaria uma série de tradições e fases cerâmicas identificadas ao longo de todo o território nacional, apresentando as mesmas características gerais na indústria cerâmica, embora consideráveis variações na morfologia e localização dos sítios (sítios a céu aberto, em abrigo, sambaquis costeiros e fluviais, casas subterrâneas) levarem o problema de estar-se lidando com contextos sócio-culturais diversos.

Considerando a hipótese de que os grupos portadores da cerâmica Estilo Pedra do Caboclo teriam seguido duas rotas maiores de migração (uma do baixo Amazonas para leste, descendo pela costa, e outra do médio Amazonas para o sul, descendo pelo vale do Paraguai – Brochado, *op. cit.*), seria possível que determinados assentamentos do Centro-Oeste se vinculassem a ambas, atingindo diferentes áreas e tornando ainda mais clara a hipótese de isolamento. Enquadra-se aqui bastante bem a datação anteriormente citada de 430 a.C. para um sítio do São Lourenço (Loca da Panela).

Dentro deste esquema e considerando, ainda, as características de localização e implantação dos sítios na paisagem (privilegiando as porções mais íngremes dos altos vales de rio), seria possível sugerir que os deslocamentos não teriam sido feitos por via fluvial, mas sim via contrafortes.

As datas mais recentes de sítios Una oscilam por volta do ano 1.000 d.C., tendo sido ao menos no baixo Paranaíba parcialmente contemporâneos à ocupação de ceramistas Aratu. A própria presença, no sítio GO-JA-01, de fortes elementos da indústria Uru, bem como no sítio GO-NI-06 de elementos Tupiguarani, indica que estes ceramistas iniciais mantiveram contato com diferentes grupos de grandes aldeias.

A bibliografia discute um possível desaparecimento e/ou absorção destes grupos ceramistas iniciais frente à expansão das grandes aldeias (Schmitz *et alii* 1978/79/80b; 1985), embora nenhum vestígio mais concreto tenha sido apresentado. É provável que a baixa densidade demográfica sugerida pelos ceramistas iniciais, bem como a simplicidade de sua indústria cerâmica, dificultem a identificação de um fenômeno de incorporação por que tenham passado. As análises parecem demonstrar as primeiras pistas a favor desta hipótese, uma vez que o sítio MT-GA-42, inicialmente clas-

sificado como da tradição Una, foi reunido pelo teste de Cluster no Conjunto de Sítios n.º 4, que apresenta um misto de sítios Aratu, Uru e Una, possivelmente retratando o período final de sua ocupação e representando a emergência de um novo grupo cultural, cuja análise é apresentada mais adiante.

Os agricultores de grandes aldeias do Leste

Nos séculos VIII-IX inicia-se uma gradativa e maciça ocupação do Centro-Oeste por grupos ceramistas agricultores instalados em grandes aldeias, levando a um novo perfil na arqueologia regional. Embora seja possível definir ao menos duas frentes de ocupação, relacionadas a grupos culturais distintos (uma ao leste e outra a oeste), a do leste indica uma antiguidade um pouco maior, sendo relacionada ao Conjunto de Sítios n.º 2 e, no contexto arqueológico regional, a parte dos sítios da tradição Aratu.

A questão da origem destes grupos ainda é incerta. O fato de que mesmo os assentamentos mais antigos, que recuam para os primeiros séculos d.C., apresentam uma estrutura anular muito bem definida, seguem um padrão de implantação na paisagem absolutamente distinto do mostrado pelos grupos ceramistas iniciais, remetem a uma economia baseada na agricultura do milho e exibem uma indústria cerâmica bastante desenvolvida, parece fortalecer a hipótese de origem externa, além de não se contar com sítios que indiquem um possível processo de mudança cultural a partir de grupos já assentados na área.

Nas demais regiões brasileiras onde ocorrem sítios Aratu (do nordeste ao Estado de São Paulo) também não existem dados conclusivos sobre a questão. De um modo geral, as datações são até mais recentes do que as apresentadas pelos sítios do Centro-Oeste (século XI). Uma única datação por termoluminescência parece revelar, entretanto, um sítio no norte paulista, de 426 ± 152 d.C. (sítio Água Limpa, Alves e Machado 1995), indicando a possibilidade de existirem vestígios mais antigos.

Por outro lado, sítios localizados nas cabeceiras do Paraná (Estado de Minas Gerais), relacionados à fase Jaraguá e formados por uma única concentração de material, constituem até o momento as únicas evidências de uma estrutura de aldeia menos complexa do que a apresentada pelos de-

mais sítios. Poderia constituir um indicador de processos locais de mudança cultural, não fossem as datações recentes que apresentam (século X - Dias & Carvalho 1978).

As informações disponíveis para a área de ocorrência da tradição mostram-se ainda insuficientes para fazer evoluir a questão. Uma vez que todos os sítios atualmente relacionados à tradição Aratu se concentram nas regiões centro-oeste, nordeste e sudeste brasileiras, seria mais plausível supor que novas descobertas dentro deste grande perímetro tragam luz ao problema. Todavia, não podemos deixar de mencionar que determinados contextos amazônicos guardam certas semelhanças com a tradição Aratu (notadamente a fase Jamari, com sítios localizados no alto Madeira, Estado de Rondônia, com datações do século VI a.C. - Miller 1992), mostrando frentes alternativas de pesquisa.

Dentro de uma discussão mais ampla Brochado (1991: 86) defende a hipótese de os grupos relacionados à tradição Aratu serem filiados ao tronco linguístico Macro-Gê, que constituiria uma segunda e tardia expansão da tradição Pedra do Caboclo. Os grupos portadores da indústria Aratu representariam o deslocamento de grupos Gê e dos Cariri, saindo da Amazônia em direção ao Centro-Oeste. De fato, durante o primeiro milênio d.C. a Amazônia apresentaria um quadro bastante intenso de ocupação, a partir do qual, seja por questões expansionistas e de crescimento demográfico (Roosevelt 1992: 71-72), seja por grandes mudanças ambientais provocadas pelo fenômeno do "El Niño" (Meggers 1995, 1992, 1991) teriam derivado expressivos deslocamentos populacionais.

Em se confirmando uma origem amazônica, as incursões ao Centro-Oeste não teriam utilizado as vias fluviais do Xingu e Tapajós. A distribuição dos sítios torna mais plausível supor uma rota inicialmente no sentido oeste-leste, do Amazonas/Rondônia para o centro de Goiás, cruzando as redes fluviais Tapajós, Xingu e Araguaia. A partir daí pode ter se desmembrado, por um lado, em direção ao nordeste e, por outro lado, descido até o sul de Goiás, Minas Gerais e norte de São Paulo. Neste último caso provavelmente teriam utilizado o vale do São Francisco. Ao menos em Goiás a rota continuaria via terrestre, do alto São Francisco a oeste até o vale do Araguaia. Desta forma, também a ocupação do Centro-Oeste por grupos ceramistas Aratu não parece ter privilegiado o uso dos rios enquanto eixos de penetração. A própria distância

que os sítios apresentam em relação aos rios maiores parece fortalecer a hipótese de utilização restrita. O povoamento da área provavelmente não estaria relacionado a uma única onda migratória, mas várias sequenciais. Isto parece ser definido pela presença isolada de um sítio Aratu em 171 d.C., que poderia estar relacionado a um primeiro e ainda tímido movimento.

De qualquer forma, a hipótese pressuporia a existência de sítios antigos no centro-norte de Goiás, a efetiva associação dos sítios de Rondônia à tradição Aratu e a ocorrência de um maior número de assentamentos nestas áreas. A hipótese carece ainda, portanto, de melhor sustentação. Não se pode descartar a possibilidade da formação destes agricultores do leste derivar tanto de deslocamentos externos como do desenvolvimento de comunidades locais, envolvendo diferentes formas de contato cultural. A diversidade arqueológica apresentada pela região Centro-Oeste parece sempre apontar, aliás, para uma pluralidade de processos de desenvolvimento cultural.

A área inicial de ocupação destes agricultores teria sido o sudeste de Goiás, onde estão as datações mais antigas e onde se localizam os sítios do Conjunto 2 (Figura 5). É provável que ao menos as porções de relevo íngreme tenham sido concomitantemente ocupadas por grupos ceramistas iniciais e/ou caçadores coletores, cujos vestígios são ainda encontrados até os séculos IX-X. Entretanto, o fato de não se ter identificado qualquer evidência de contato cultural na cerâmica, além de não haver referência a relações entre os grupos caçadores-coletores e os agricultores Aratu, permite supor certa autonomia entre as ocupações.

Esta autonomia pode ter sido favorecida (embora não explicada) pela diversidade dos padrões de localização: enquanto os caçadores-coletores e grupos ceramistas iniciais têm seus sítios preferencialmente em abrigo e assentados nas porções de relevo atormentado e vegetação de cerrado, os agricultores do leste estão nas porções de relevo mais suave, com cobertura vegetal variando entre floresta e área de tensão ecológica.

Partindo da região leste/sudeste, vão dominar todo o centro e centro/sul de Goiás, estendendo seus assentamentos até as margens do rio Araguaia, constituindo seu limite de ocupação. Isto teria ocorrido dentro de um período aproximado de 700 anos, considerando desde a datação mais antiga, de 171 d.C. para GO-CA-02, até meados do século IX,

quando já se conta com uma série de assentamentos pela área. Entretanto, seria válido inferir que tenha havido uma intensificação do processo somente a partir do século VIII, uma vez que os assentamentos antigos são bastante raros.

Nas porções mais distantes, como a região do Mato Grosso de Goiás, os assentamentos ocorrem somente a partir do século IX. A penetração dos grupos já se deu, ali, de forma sistemática e maciça: os 17 assentamentos que correspondem à primeira fase de ocupação da área (nível temporal 1), apresentam os maiores tamanhos, maior incidência de sítios com 2 anéis, maior duração da ocupação e densidade populacional (Wüst 1983: 318). Para o nível temporal 2, que apresenta características semelhantes ao anterior, estimativas demográficas em GO-RV-66 indicam uma população de 1.043 a 2.024 indivíduos (*op. cit.*: 258).

Embora pesquisas sistemáticas tenham sido realizadas apenas nesta região do Mato Grosso de Goiás, a grande quantidade de sítios identificados por toda a porção centro-sul do Estado, seguindo padrões culturais extremamente semelhantes, permite supor que a ocupação tenha se processado, desde o início, com intensidade e características análogas. Assim, ao contrário da ocupação definida pelos grupos ceramistas iniciais, estes agricultores teriam dominado um território extenso e contínuo. A proximidade geográfica de seus assentamentos e a grande homogeneidade observada na morfologia e implantação dos sítios, bem como em sua indústria cerâmica, permitem inferir a manutenção de intensas redes inter-comunitárias, como aliás foi proposto por Wüst (1983) em seu estudo para a região do Mato Grosso de Goiás.

Como vimos anteriormente, dos 12 sítios reunidos no Conjunto 2 apenas 7 apresentam evidências cerâmicas de contatos extra-grupais, embora de natureza variável. Quatro sítios (GO-CA-02, GO-RV-02 e 66, GO-NI-31) indicam a adoção de elementos tecnológicos e morfológicos da indústria Tupiguarani, sendo que ao menos em GO-CA-02, GO-RV-66 e GO-NI-31 eles podem ocorrer na forma de vasilhames inteiros, sugerindo contatos feitos a partir do fluxo de informações, objetos e/ou pessoas. Os demais três sítios (GO-CA-01, GO-RV-34 e 35) indicam a adoção de elementos morfológicos da tradição Uru, sugerindo contatos somente a partir do fluxo de informações e/ou pessoas.

Procurando compreender o significado destas interferências, percebe-se que não obedecem a uma

distribuição geográfica específica, parecendo vincular-se a fenômenos locais e relativos a determinados assentamentos. Por outro lado, é notável que estes contatos se relacionam a períodos distintos: do grupo formado pelos sítios com elementos Tupiguarani, GO-CA-02 e GO-RV-02 fornecem as datas mais antigas do Conjunto (171 e 830 d.C.), enquanto GO-RV-66 tem uma datação relativa entre os séculos IX-X. Situam-se, portanto, no período inicial-médio definido pelo Conjunto. Já do grupo formado pelos sítios com elementos Uru, vemos que todos se relacionam ao período médio/tardio, ou seja, do século XI em diante. Sugere-se, portanto, que a ocupação de agricultores do leste teria inicialmente mantido contatos com grupos portadores de cerâmica Tupiguarani, envolvendo um fluxo de objetos (vasilhames inteiros) e de informações (pela incorporação de determinados elementos tecnológicos e estilísticos). Não parece que tenham interferido, todavia, em outras esferas da cultura.

Estes contatos desaparecem por volta do século X, por causas desconhecidas. É curioso que a cerâmica Tupiguarani apresenta também associação, nesta mesma área e período, com a fase final de ocupação dos ceramistas iniciais, parecendo indicar uma relação significativa com diferentes grupos culturais.

Aproximadamente por volta do século XI os grupos do leste passariam a manter contato com portadores de cerâmica Uru. Possivelmente tenha envolvido tanto a circulação de informações (definida através das análises cerâmicas) como a de pessoas (sugerida através da presença, em GO-RV-66, de uma concentração de material Uru a 100m da aldeia; e em GO-RV-58 de 2 concentrações Uru no meio da aldeia Aratu – Wüst 1983). Para este último caso, o fato de terem sido mantidas áreas específicas para ceramistas Uru tanto fora como dentro de aldeias Aratu sugere uma forma mais complexa de contato cultural, onde a manutenção da cerâmica poderia, inclusive, funcionar como marcador de etnicidade (Schortman 1989).

É possível que isto se relacione a um fenômeno mais amplo por que os grupos ceramistas Aratu teriam passado, já a partir do século X. Neste período, os assentamentos começam a apresentar significativas variações, principalmente nos aspectos de implantação, morfologia e tamanho. Também a indústria cerâmica apresenta modificações, na forma de uma maior quantidade e diversidade de elementos relacionados a indústrias externas, que pas-

sam a ser adotados. Estas variações estariam relacionadas, segundo Wüst (1983: 284), a pressões de grupos externos, sugerindo a existência de uma “zona de tensão” ou mesmo de uma “fronteira cultural” no vale do Araguaia e alto Tocantins.

Estes dados sugerem que os contatos mantidos com ceramistas Uru teriam levado, em um primeiro momento e ao menos nos sítios mais próximos ao Araguaia, a profundos re-arranjos internos e, num segundo momento, à fusão dos grupos. A interação evidenciada pela cerâmica (embora não necessariamente originada por ela) parece ter constituído um fator significativo em processos de mudança cultural.

É necessário avaliar, entretanto, até que ponto estas modificações estariam unicamente relacionadas a um contato mais intensivo com portadores de cerâmica Uru, ou se não poderiam estar aliadas a um esgotamento que a ocupação de grupos Aratu apresentaria. Algumas evidências parecem apontar nesta direção, como a ausência de sítios a partir do século XII no que poderíamos denominar área “core” da ocupação Aratu (vale do Paranã) e a separação, pelo teste de Cluster, dos sítios mais recentes do vale do Araguaia, que passam a fazer parte do Conjunto 4, representando a emergência de um novo grupo cultural.

Através destes dados sugerimos que as mudanças culturais identificadas por Wüst (1983) em sítios da região do Mato Grosso de Goiás não sejam resultado da expansão do colonizador europeu, mas sim que tenham ocorrido em período anterior, em consequência de contatos com grupos indígenas externos, levando a uma intensa dinâmica de mudança cultural.

A presença de material de contato em alguns sítios da região de Mato Grosso de Goiás sugere que estes grupos tenham persistido até o contato com o colonizador europeu (Wüst 1983). Entretanto, até o momento não existe qualquer datação segura posterior ao século XII. Parece possível supor, assim, que contaríamos com uma densidade muito menor de sítios nos últimos séculos antes da conquista. As próprias variações apresentadas pelos sítios mais recentes apontam nesta direção.

Assim, embora sítios da tradição Aratu continuem ocorrendo, apresentariam características notadamente diversas e, segundo nossa hipótese de trabalho, fariam parte de novas unidades culturais, não mais relacionadas ao contexto original de ocupação dos “agricultores do leste”.

Os agricultores de grandes aldeias do Oeste

A partir do século VIII-IX a região Centro-Oeste começa a ser paralelamente ocupada por outros grupos agricultores ceramistas, relacionados ao Conjunto 1 e, no contexto arqueológico regional, a parte dos sítios da tradição Uru.

Para a questão de sua origem é notável que, embora sítios da tradição Uru tenham sido localizados em diferentes porções do Centro-Oeste (alto/médio Araguaia, alto Tocantins e vale do São Lourenço), o Conjunto 1 reúne, do total de 19 sítios Uru analisados na presente pesquisa, os 13 que se localizam apenas do Araguaia para oeste (Figura 4). Estes 13 sítios reúnem, ainda, as datações mais antigas, além de sua cerâmica apresentar características gerais bastante homogêneas, bem como as porcentagens menos expressivas de atributos relacionados a indústrias externas. Dentro deste contexto, consideramos que os 13 sítios estariam relacionados ao início da ocupação dos agricultores do oeste, reunindo seus sítios originais. A ocupação ter-se-ia primeiramente processado, assim, na porção oeste da região estudada (onde pode ter persistido até próximo ao contato com o colonizador europeu), expandindo-se daí para a porção leste.

Ainda sobre a questão da origem, o fato de os sítios se localizarem predominantemente em áreas de cerrado e apresentarem assadores de cerâmica fez com que se inferisse uma subsistência apoiada na mandioca tóxica, com origem amazônica (Schmitz *et al.* 1982). De fato, tanto no alto Tapajós como no alto Xingu alguns sítios forneceram cerâmica com características gerais comparáveis, como bases em pedestal, trempes, forma com gargalo e assadores, bordas reforçadas, além da decoração com banho vermelho, motivos plásticos com predomínio da incisa e apliques zô e antropomorfos (Simões 1972; Dole 1961/62; Pardi 1995; Simonsen & Oliveira 1976; Becquelin 1973) favorecendo a possibilidade de deslocamentos humanos externos.

A região amazônica apresenta ainda vários sítios semelhantes (como no baixo/médio Tocantins e no alto/médio Guaporé), a maior parte relacionados à tradição Incisa-Ponteada (Miller 1983, 1992; Simões e Araújo Costa 1987; Simões e Gentil Corrêa 1987; Simões e Machado 1987, entre outros). Além disto, elementos característicos da indústria Uru são largamente utilizados em diferentes contextos etnográficos amazônicos (Andrade

Lima 1986), novamente remetendo à ocupação do norte brasileiro e região andina.

Também estudos recentemente desenvolvidos no alto curso do Xingu discutem que os sítios cerâmicos ali identificados e relacionados à fase Ipavu apresentam características tanto da Amazônia (com a fase Barrancóide/ Borda Incisa e tradição Incisa Ponteada) como da região Centro-Oeste (tradição Uru), revelando sua posição de transição cultural e ecológica e sugerindo comunicações culturais em ambos os sentidos (embora com maior tendência ao contexto amazônico – Heckenberger 1996). O autor afirma ainda que os grupos portadores de cerâmica Ipavu seriam os ancestrais dos Aruwak, correspondendo à expansão mais a leste da migração que tiveram, originária da região andina.

Assim, mesmo que ainda seja impossível precisar a relação de grupos agricultores do oeste com algum contexto específico de ocupação Amazônica/Andina, parece inegável que suas características remetam a esta macro-região. Os vales do Xingu e Tapajós teriam sido utilizados enquanto eixos de penetração, fornecendo a primeira evidência do uso dos rios enquanto vias de acesso para grupos ceramistas do Centro-Oeste.

O processo de formação destes grupos agricultores do oeste certamente envolve, por outro lado, uma série de contatos culturais mantidos com grupos caçadores-coletores locais. Pesquisas desenvolvidas por Wüst (1990) no vale do São Lourenço permitiram a discussão de algumas hipóteses. Analisando as modificações apresentadas pelos assentamentos de caçadores-coletores da área a autora verifica que, de início, ocupam exclusivamente ambientes de cerrado. Mas por volta de 600 a.C. passam a localizar seus assentamentos em ambientes de transição entre mata-cerrado (“ecotones”). Estas novas áreas, além de permitir, de um modo geral, o acesso a recursos diversificados, apresentam solos melhores e mais propícios ao cultivo. Além disto, os assentamentos apresentariam extensões bem maiores do que os padrões anteriores (chegando a 400m de eixo), possivelmente relacionado a um aumento demográfico. A partir daí, é discutida a hipótese de ter havido a passagem do estágio predador para produtor ainda em período acerâmico, ao redor de 600 a.C. Como não existem evidências de ter se desenvolvido um processo de domesticação de plantas no Centro-Oeste, a hipótese de adoção seria mais plausível, através de contatos inter-culturais (Wüst 1990: 377).

As camadas superiores destes sítios líticos de transição, datadas entre 250 a 800 d.C., apresentam baixa presença de fragmentos cerâmicos, certamente alóctones, indicando que estes agricultores incipientes teriam mantido, apenas bem mais tarde, contato com grupos ceramistas, com os quais iniciariam um processo de interação cultural. Os primeiros contatos estariam relacionados a grupos portadores da cerâmica Una, que de fato revelam, em diferentes pontos da região Centro-Oeste, sítios bastante antigos. Já os contatos com ceramistas Uru ocorreriam em período tardio, mais próximo de 800 d.C.

Assim, na hipótese de Wüst, no mínimo 850 anos antes de os grupos locais terem mantido contatos com grupos ceramistas (que tenham resultado na presença de artefatos nos sítios), teria ocorrido o que a autora define como pressões ecológicas e/ou demográficas responsáveis pela procura de uma diversidade de recursos entre os até então caçadores-coletores, que passam a adotar a prática do cultivo. Já daí para a formação das grandes aldeias teriam passado, aproximadamente, 1.400 anos (de 600 a.C. a 800 d.C.).

Sem dúvida, a passagem do estágio de predador/horticultor para o de agricultor de grandes aldeias pode ter-se dado de forma lenta e localizada, além de seus vestígios, pela própria antiguidade, serem mais dificilmente recuperáveis. Seria de esperar, entretanto, que este processo resultasse em um número maior de assentamentos, ou ao menos em evidências que caracterizassem melhor uma fase de mudança cultural que, estima-se, teria ocorrido dentro de um período cronológico tão extenso e abrangendo, em período mais recente, contingentes populacionais comparáveis aos apresentados pelas primeiras aldeias Uru (que reuniram uma média de 800 pessoas – Wüst 1990: 387-396).

Por outro lado, as grandes aldeias se estabeleceram em um ambiente notadamente diverso dos sítios líticos de transição. Enquanto estes últimos passaram a ocupar áreas de ecotone, cujos solos de melhor fertilidade favoreceriam a prática da horticultura, as aldeias Uru, ocupadas por grupos efetivamente agrícolas, se localizam em áreas de cerrado, com solos de fertilidade baixa a fortemente limitada. Se de fato os grupos agricultores de grandes aldeias fossem resultado do desenvolvimento de grupos horticultores locais, seria de esperar que seguissem um padrão de distribuição semelhante, e não que remetesse ao que poderia ser interpre-

tado com um retrocesso, uma vez que voltariam a ocupar um ambiente menos favorável ao cultivo.

Um fator que, a nosso ver, torna ainda mais complexa a discussão, é referente à própria morfologia das grandes aldeias, diretamente relacionada a toda uma organização sócio-política, que abrange esferas culturais de transformação bem mais complexa do que introduções pontuais de caráter tecnológico e/ou econômico. Mesmo que uma complexificação sócio-política tenha-se desenvolvido mais tarde, como resultado de um processo evolutivo dos próprios grupos que ocupavam as aldeias, o fato de se contar, desde o início, com assentamentos obedecendo a uma morfologia tão específica permite, a nosso ver, pressupor a existência de uma estrutura social semelhante, não identificada nos chamados sítios de transição.

O problema, certamente, exige maiores investigações, principalmente com a expansão de pesquisas sistemáticas para novas áreas ao norte. Nosso interesse recai, entretanto, na intensidade dos contatos culturais que ocorreram entre os grupos locais (sejam caçadores-coletores, sejam horticultores, sejam um misto de ambos) e ceramistas agricultores do norte. Segundo Wüst, os ocupantes das aldeias Uru corresponderiam a uma evolução dos horticultores locais, embora possam ter mantido contatos culturais e recebido uma série de influências de origem externa. Estas influências se restringiriam, entretanto, à circulação de objetos e/ou informações, uma vez que dificilmente se estaria diante de um processo migratório (Wüst 1990: 381).

Entretanto, é notável que tenham prevalecido, em praticamente todos os níveis, características não reconhecidas em sítios do Centro-Oeste, sugerindo uma supremacia de grupos externos. De fato, se considerarmos os itens sugeridos por Rouse (1986) para avaliar a hipótese de migração, a resposta seria positiva. A ocupação dos agricultores do oeste traz expressivas mudanças em relação aos padrões culturais manifestados pelos originais habitantes da região (grupos caçadores/coletores/horticultores e grupos ceramistas iniciais), na medida em que introduz uma indústria cerâmica não apenas absolutamente diversa em seus atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos, mas também nas atividades a que se relacionam (beneficiamento da mandioca amarga e grande importância na estocagem/armazenamento de alimento). Modifica-se também o ambiente a ser explorado (que passam de áreas

de ecotone para áreas de cerrado), a morfologia dos sítios (extensas aldeias anulares), além de todos os aspectos sociais, políticos e simbólicos que possam representar.

Assim, embora certamente tenha havido um processo de integração entre os dois grupos, estar-se-ia lidando com um fenômeno que teria um grau mais elevado de influências externas, certamente engrossado por consideráveis levas migratórias. Estaríamos, portanto, mais próximo da primeira hipótese defendida por Wüst, de que “uma certa continuidade de tradição lítica anterior, presente nas aldeias destes agricultores, sugere um processo inicial de difusão cultural, mas que provavelmente foi acompanhado por uma suplantação de um novo contingente étnico e cultural, apreensível não só a partir de um aparente aumento demográfico significativo, mas também pela presença de um novo quadro tecnológico e de uma nova tradição das representações coletivas nos abrigos” (Wüst 1989: 164).

A origem externa destes agricultores do leste provavelmente está relacionada à região amazônica (talvez vinculada com a expansão de grupos proto-Caribe), na medida em que parece haver, como vimos nas páginas anteriores, uma continuidade na distribuição de seus assentamentos, além das características gerais da indústria cerâmica estarem presentes em diferentes contextos desta região. Estes elementos não se mostram suficientes, entretanto, para encaminhar a discussão de forma mais adequada, uma vez que ainda não se desenvolveram estudos comparativos específicos entre ambos os contextos e, principalmente, que considerem uma maior variedade de atributos culturais. A princípio, os grupos etnográficos da Amazônia apresentam sistemas sociais e padrões de estabelecimento muito diferentes daqueles do Centro-Oeste. Os dados arqueológicos são ainda frágeis, embora grupos como os Bakairi (Caribe) já nas primeiras fontes etnográficas do século passado apresentam aldeias circulares e, portanto, comparáveis aos sítios do Centro-Oeste.

De qualquer forma, não é possível conceber que tenha ocorrido uma simples transplantação de grupos do norte para o Centro-Oeste e, portanto, que apresentem modelos idênticos de ocupação. Processos migratórios pressupõem uma série de ajustes culturais, quer relacionados a um novo meio ambiente a ser explorado, a um novo contexto de relações extra-tribais, ou mesmo a um novo posicionamento dos indivíduos dentro de seu próprio

grupo, considerando o número e posição social daqueles que migraram, bem como as condições que geraram o processo. Assim, mesmo que grupos migrantes possam guardar semelhanças culturais com suas origens, irão constituir um reflexo de adaptações a condições locais específicas.

Pesquisas genéticas sem dúvida forneceriam dados seguros e os grandes avanços conseguidos nos últimos anos já permitem vislumbrar suas contribuições. O estudo de N. Black, por exemplo, mostra que grupos Kayapó do Norte (localizados no vale do Araguaia) apresentam relações genéticas com todas as demais populações amazônicas, sejam Caribe, Aruak ou Tupi (Black 1991). Mostra-se imprescindível, portanto, expandir as possibilidades de investigação do problema, de forma a obter subsídios que permitam definir hipóteses mais concretas de trabalho.

Tendo como território original de ocupação a porção oeste, o início da ocorrência de grandes aldeias ter-se-ia dado entre os séculos VIII-IX (a data mais antiga é de 800 d.C para MT-SL-29), permanecendo ao menos até o século XIV (a data mais recente é de 1.360 d.C. para MT-SL-24 – Wüst 1990).

Os elementos cerâmicos que remetem a indústrias externas podem ser divididos em dois grupos. O primeiro reúne 11 sítios localizados a oeste do Araguaia (siglas MT-GA, MT-RV e MT-SL), que podem apresentar raros elementos relacionados à indústria Tupiguarani (vasilhames de contorno complexo, ombros, antiplástico cariapé + caco moído), além de artefatos com antiplástico cauxi (sugerindo contatos com a região amazônica/andina). O segundo grupo reúne os 2 sítios localizados a leste do Araguaia (sigla GO-JU), que apresentam porcentagens um pouco mais elevadas de elementos Tupiguarani, além de maior ocorrência de elementos que também são característicos da tradição Aratu (maior presença de vasilhames diretos e diminuição na capacidade dos infletidos, por exemplo), sugerindo variações nas atividades desenvolvidas (substituição do cultivo da mandioca pelo milho). Isto já foi, inclusive, apontado por Wüst (1990: 368) para os sítios do vale do São Lourenço, atribuído pela autora a aumento na densidade demográfica regional. O papel que cada um destes elementos (contato com grupos externos e necessidade de aumento na produção de alimentos) teria desempenhado no processo de mudança no sistema de abastecimento ainda permanece, entretanto, em aberto.

No caso dos elementos que remetem à indústria Tupiguarani, não foi possível identificar a presença, nos sítios, de vasilhames inteiros, parecendo ocorrer apenas emprego aleatório e ocasional de diferentes traços tecnológicos, morfológicos e estilísticos, sugerindo um contato restrito ao fluxo de informações e/ou pessoas. Por outro lado, as interferências apresentadas em sítios do São Lourenço indicaram porcentagens tão elevadas (até 90,0%) que levaram à definição de uma classe distinta de sítios, a Uru/Tupiguarani (Wüst 1990).

Evidências de contato com grupos portadores de cerâmica Tupiguarani foram, ainda, largamente registradas em sítios de outras áreas. Na margem direita do Araguaia o sítio GO-JU-36 apresenta 3 manchas de material, sendo uma relacionada à indústria Tupiguarani, uma à Uru e uma à Aratu. O sítio GO-JU-05 apresenta uma situação semelhante: das 5 manchas, 4 seriam Uru e uma Tupiguarani. Estas evidências parecem apontar para um processo de contato cultural diverso do observado nos sítios do Conjunto 1 e que mereceria estudos mais aprofundados, inclusive definindo a relação que estes diferentes vestígios apresentam entre si.

A presença de elementos externos parece ter obedecido, segundo Wüst (1990: 394-6), a uma divisão hierárquica entre os assentamentos, onde as aldeias maiores podem ter figurado como uma “praça central” incipiente, para onde acorreria um maior fluxo de informação, inclusive de natureza extracultural. O estudo da distribuição de elementos externos na cerâmica dos grupos agricultores do oeste parece permitir, portanto, o desenvolvimento de análises relativas à hierarquia embutida nos processos de interação cultural (para uma discussão do tema vide Schortman & Urban 1987: 63-65).

Os assentamentos dos agricultores do oeste apresentam consideráveis variações na localização, implantação e morfologia, que permitem dividi-los em 2 grupos: a oeste e a leste do Araguaia. Dos 11 sítios localizados a oeste, 1 abrigo e 1 sítio a céu aberto permitem inferir locais de atividade específica. Já os 2 sítios a leste estão em área de maior diversidade ambiental, apresentam variações de implantação (ocorrendo em porções notadamente mais baixas da paisagem) e possivelmente variações morfológicas (com 1 sítio em forma de ferradura e 1 sítio alongado, em oposição aos demais sítios anulares do Conjunto).

Assim, se por um lado os sítios parecem compartilhar de um quadro de artefatos extremamente

semelhante, as variações morfológicas, de implantação e localização na paisagem sugerem variações internas ao assentamento. Esta situação também foi reconhecida para os sítios do vale do São Lourenço, interpretada como indicadora da presença simultânea de grupos locais distintos, relacionada a um processo de complexificação sócio-política (Wüst 1990: 368, 383). Com isto os grupos agricultores do oeste apresentam diversidades regionais bem maiores que os grupos agricultores do leste (cerâmica Aratu), certamente envolvendo comportamentos territoriais distintos.

Por outro lado, as variações no padrão de assentamento verificadas nos sítios a leste do Araguaia talvez constituam os primeiros indicadores de transformações mais amplas, que se intensificam ao longo do tempo e que estão relacionadas a uma grande intensidade de contatos culturais mantidos, principalmente, com grupos ceramistas Aratu. Esta situação teria levado, por volta do século X-XI, a profundos processos locais de mudança cultural, através da fusão de grupos originalmente relacionados a diferentes indústrias, resultando na emergência de novo(s) grupo(s) cultural(ais).

Assim, da mesma maneira como se definiu para os sítios relacionados à tradição Aratu, também os da tradição Uru não formam uma única unidade, ao mesmo tempo que parecem ter passado por um período de esgotamento interno. Todavia, enquanto o esgotamento dos grupos a leste parece ter ocorrido por volta dos séculos X-XI, o dos grupos a oeste teria sido posterior. Isto porque as evidências sugerem, em primeiro lugar, que os agricultores do oeste teriam constituído o elemento invasor e dominante no processo de fusão com os agricultores do leste no vale do Araguaia; em segundo lugar, porque somente próximo ao período colonial seus remanescentes parecem ter de fato se extinguido, participando do processo de formação dos grupos Bororo. Assim, é possível que os agricultores do oeste tenham persistido ainda alguns séculos ao menos na porção mais central do atual Estado do Mato Grosso, uma vez que nas margens do Araguaia teriam participado, já por volta do século X, da formação de novos grupos culturais.

A ocupação de ceramistas Tupiguarani

A ocupação de grupos Tupiguarani na região Centro-Oeste sem dúvida se processou em proporções bastante inferiores às demais: enquanto seus

sítios correspondem a 7,8% do total, os agricultores da tradição Aratu ficam com 25,8% e os da tradição Uru com 21,8%. Seus assentamentos apresentam, ainda, características bastante heterogêneas, tendo sido inclusive por vezes classificados como sítios intra-componenciais (Tupiguarani/Aratu, Tupiguarani/Uru, Tupiguarani/Bororo). O próprio Conjunto 3 reúne apenas 1 sítio originalmente associado à tradição Tupiguarani, 2 Tupiguarani/Uru, 2 Aratu e 1 sítio em aterro, possivelmente relacionado ao grupo Guató.

Estes sítios se distribuem em diferentes porções do Centro-Oeste (Figura 5), apresentando uma série de variações ambientais. Os sítios diferem, também, quanto à implantação e morfologia, além de apresentarem uma cerâmica fortemente associada a outras indústrias, como os 2 sítios Tupiguarani/Uru e os 2 sítios Aratu.

A maior concentração de sítios Tupiguarani atualmente conhecida está no vale do São Lourenço (14 sítios). Apresentam fortes evidências de contatos culturais, sendo que 6 deles (ou 42,7%) foram classificados como intra-componenciais.

O sítio GO-JA-07, localizado no vale do Paranaíba, foi o que, dentre os analisados, apresentou menos evidências de contatos externos, parecendo representar o mais “puro” do Conjunto. Infelizmente não foi datado, mas é possível que se relacione a um momento inicial da ocupação Tupiguarani e, neste sentido, atestaria ao menos uma das rotas de penetração no Centro-Oeste.

Quanto aos sítios Tupiguarani/Uru (MT-SL-03 e MT-RN-22) e os sítios inicialmente relacionados à tradição Aratu (GO-CA-05 e GO-JU-06), apresentam uma série de elementos relacionados a uma ou outra tradição. Devemos notar, ainda, que em MT-SL-03 os níveis estratigráficos inferiores indicam uma ocupação de ceramistas Tupiguarani e Uru, enquanto nos níveis superiores tem-se apenas ocupação Tupiguarani (Wüst 1990). Já GO-JU-36 é um sítio formado por concentrações de material Uru e Tupiguarani (Schmitz 1975).

Outros sítios do Centro-Oeste apresentam situações semelhantes. Em GO-JU-05, das 5 concentrações de material identificadas, 4 foram relacionadas à tradição Aratu e 1 à Tupiguarani (Schmitz *et al.* 1989). Estes mesmos autores discutem a possibilidade de se contar com um processo bastante avançado de miscigenação (*op. cit.*: 7). Em nem todos os sítios foi possível realizar investigações em profundidade, confirmando se

esta diversidade de estruturas e evidências esteja de fato relacionada a uma mesma ocupação. Entretanto, ao menos nos sítios MT-SL e MT-RN não parece haver dúvidas de que se tratam de estruturas intra-componenciais.

Embora tais sítios não sejam exclusividade da tradição Tupiguarani, sem dúvida é nela que alcança uma das porcentagens mais elevadas (33,3%), só superada pelos sítios Bororo (com 37,5%). Porcentagens bem inferiores de sítios intra-componenciais ocorrem na tradição Uru (8,9%) e Aratu (2,4%), na maioria das vezes associados com os próprios ceramistas Tupiguarani.

Assim, embora alguns sítios do Centro-Oeste devam constituir assentamentos essencialmente Tupiguarani (como é o caso de GO-JA-07), esta ocupação estaria fortemente relacionada a processos diversificados de fusão com unidades sócio-culturais diversas. As raras datações disponíveis não permitem definir se estas situações estão relacionadas a períodos distintos ou não, embora alguns autores sugiram que os sítios intra-componenciais façam parte de um momento mais recente (Schmitz *et al.* 1989).

Esta discussão esbarra no problema da própria origem dos ceramistas Tupiguarani. Em primeiro lugar, devemos notar que os sítios enquadrados na tradição Tupiguarani se localizam apenas na porção centro-sudeste (baixo Paranaíba, alto Araguaia, vale do São Lourenço, médio Paraná e alto Paraguai – Figura 5). Variações observadas na indústria cerâmica parecem poder distinguir diferentes eixos de contato. Os assentamentos do Estado de Goiás e Mato-Grosso que apresentam vasilhames com decoração policrômica (siglas GO-JA, GO-CP e MT-GA) poderiam ser enquadrados na tradição Polícroma Amazônica, sub-tradição Pintada (Fensterseifer & Schmitz 1975). Já os sítios do Mato Grosso com sigla MT-SL e MT-RN (localizados no vale do São Lourenço) apresentam algumas variações, como vasilhames de menores proporções e baixa porcentagem de peças pintadas, que remeteriam ainda a um contexto diverso, possivelmente relacionado, segundo Wüst (comunicação oral) à sub-tradição “Pintada inicial”, representando os primeiros grupos que se deslocaram para o sul. Por outro lado, os assentamentos do Mato Grosso do Sul (siglas MS-IV e MS-CP), com decoração predominantemente plástica e presença de urnas funerárias, foram relacionados à sub-tradição Corrugada, mantendo fortes relações com o con-

texto sul-brasileiro (Oliveira 1995: 41; Rogge & Schmitz 1994/5: 173; Chmyz 1974).

Segundo Brochado (1991), a sub-tradição Pintada (que envolve a Pintada Inicial) e a Corrugada corresponderiam a duas extensões da tradição Polícroma Amazônica, produzidas por dois grupos distintos (os Guarani e os Tupinambá), que apresentam histórias marcadamente diversas. A tradição Polícroma Amazônica teria como data mais recuada 1.500 a.C., com origem na Amazônia Central, próximo à desembocadura do Madeira (Brochado & Lathrap 1982). O primeiro desmembramento, relacionado a grupos Guarani, ter-se-ia dado no sentido norte-sul, por volta do ano 100 d.C. A rota seguiria rio acima pelo Madeira e Guaporé, passando para o Paraguai, descendo por este e pelo Paraná. Subiriam, então, ao longo da costa até certa distância ao norte. Seriam características destes grupos a cerâmica com decoração plástica (com predomínio do corrugado) e a presença de urnas funerárias. O segundo desmembramento, relacionado a grupos Tupinambá, teria seguido em direção ao nordeste por volta do ano 500 d.C., descendo pela faixa litorânea até se encontrar com os grupos Guarani ao sul de São Paulo. Sua cerâmica se caracterizaria pela presença de decoração pintada policrômica (Brochado 1984). Assim, ainda segundo Brochado (1991: 86), o Centro-Oeste “teria sido rodeado pelo movimento de pinças da expansão colonizadora dos Guarani e dos Tupinambá”.

De fato, quando analisamos a distribuição da cerâmica Tupiguarani pelo território brasileiro, vemos a sub-tradição Pintada rodeando a região Centro-Oeste pelas porções nordeste, leste e sudeste. Já a sub-tradição Corrugada a rodeia pelo flanco norte e oeste, ocorrendo no Pará (com as fases Itacaiúnas e Carapanã), no Paraguai (em Asunción e no rio Ipané) e na Argentina (junto ao rio Paraná, com a fase Yaguari). Mais ao sul, conta-se com uma série de fases definidas para o Paraná e Rio Grande do Sul (Scatamacchia 1981).

Dentro deste contexto, os assentamentos do Mato Grosso do Sul estariam relacionados à primeira grande expansão da tradição Polícroma Amazônica, que corresponderia à sub-tradição Corrugada. As únicas datas disponíveis remetem ao século XII de nossa era. Uma vez que aos grupos portadores de cerâmica Tupiguarani é sugerido um grande aproveitamento da rede fluvial (Schmitz *et al.* 1981/82), provavelmente a rota de penetração corresponderia aos rios Guaporé e Juruena, passan-

do ao Paraguai. Constituiria, assim, a segunda ocupação ceramista a utilizar preferencialmente o transporte fluvial como via de penetração.

Por outro lado, os sítios a leste do Araguaia, que apresentam predomínio de cerâmica policrômica, estariam relacionados à segunda expansão da tradição homônima, formados por grupos Tupinambá. Uma vez que toda a borda leste do país apresentava ocupação Tupiguarani, deveriam ter ocorrido rotas no sentido leste-oeste, através das quais teriam alcançado a região Centro-Oeste. Por fim, os sítios do vale do São Lourenço talvez representem uma terceira frente de penetração Tupiguarani. Os dados se mostram, entretanto, insuficientes para sugerir sua rota de penetração.

Uma vez que se aceite a idéia de que a origem de toda esta ocupação tenha sido a Amazônia Central, seria necessário analisar a razão de terem sido identificados sítios apenas na porção centro-sul do Centro-Oeste, quando eventualmente poderiam ocorrer desde a porção norte, em maior quantidade e com datações mais recuadas. Sem dúvida, toda a arqueologia da porção norte é praticamente desconhecida. Além do mais, no norte do Mato Grosso conta-se com uma série de sítios com filiação pouco clara (sítios cemitério no vale do Paraguai, sítios a céu aberto no alto Xingu, Juruena, Aripuanã e Guaporé), alguns deles apresentando características que parecem, de fato, remeter à tradição – Tupiguarani (Pardi 1995). Por outro lado, as intensas pesquisas desenvolvidas na porção central do Estado de Goiás sugerem, ao menos, uma ocorrência extremamente discreta de assentamentos Tupiguarani (podendo ser inexistente em determinadas áreas, como o Mato Grosso de Goiás). Torna-se necessário, assim, compreender a razão de eles não terem, durante 4 séculos, ocupado a região nos mesmos moldes dos grupos anteriores, como os agricultores do leste e do oeste, ou seja, através da propagação de assentamentos.

Schmitz & Barbosa (1985: 5) interpretam esta ocupação esparsa como resultado da dificuldade dos grupos em ocuparem um espaço fortemente dominado por agricultores das tradições Aratu e Uru. Entretanto, uma vez que o sítio Tupiguarani mais antigo remonta ao século IX (MT-SL-03 – Wüst 1990) e que uma presença mais intensiva de assentamentos de ceramistas Uru e Aratu só se daria por volta dos séculos X-XI, não haveria *a priori* impedimentos para uma instalação mais expressiva de assentamentos Tupiguarani.

O esquema apresentado por Brochado parece se adequar bastante bem a esta discussão. Segundo ele, os deslocamentos de grupos ceramistas Tupiguarani teriam rodeado a região Centro-Oeste pelo fato de apresentarem um sistema de agricultura intensiva que só poderia ser duplicado nas férteis várzeas ao longo dos maiores rios do interior e, em menor escala, no curso inferior dos rios costeiros (Brochado 1991: 86). O ambiente de cerrado, onde predominam solos de fertilidade baixa a fortemente limitada, talvez não tenha exercido atração. O fato de muitos sítios Tupiguarani no Centro-Oeste serem em abrigo levou ainda alguns autores a considerar a hipótese de aproveitamento temporário (Fensterseifer & Schmitz 1975), talvez relacionado a assentamentos localizados nas regiões circunjacentes. Os argumentos são ainda, entretanto, bastante genéricos, principalmente se considerarmos que a ocupação de grupos Tupiguarani estaria relacionada ao menos a 3 incursões independentes, que se processaram em porções geográficas distintas e que, portanto, devem apresentar especificidades próprias.

Por outro lado, ao longo de toda a ocupação Tupiguarani (do século IX até pelo menos o XV-XVI) seus integrantes teriam tido acesso generalizado à maioria dos demais assentamentos ceramistas da região, através da circulação de artefatos e de certos elementos tecnológicos, morfológicos e estilísticos de sua indústria cerâmica.¹ Indicaria uma rede de relações e uma possibilidade de acesso não observadas para qualquer outro grupo cultural da época. Mesmo que as demais ocupações ceramistas tenham mantido diferentes formas de contato entre si, não alcançaram uma distribuição com a amplitude da Tupiguarani. Ainda que em diferentes escalas seus vasilhames parecem circular entre quase todos os grupos ceramistas, seus elementos são reproduzidos por todos e nos mais diferentes períodos de suas histórias de ocupação.

No que se refere aos grupos ceramistas iniciais, dos sítios reunidos no Conjunto 5 apenas os localizados no alto Tocantins (sigla GO-NI) indicam a presença de pequenos vasilhames Tupiguarani,

bem como a adoção de alguns de seus elementos tecnológicos e decorativos. Para os agricultores do leste, as relações parecem ter sido mais intensas no período inicial/médio da ocupação (séculos VIII-IX). Seus sítios apresentam tanto vasilhames inteiros Tupiguarani, como a adoção de alguns de seus elementos tecnológicos e morfológicos. Já os agricultores do oeste ter-se-iam mantido mais fechados. Não foi possível definir, com segurança, a presença em seus sítios de artefatos inteiros Tupiguarani, mas apenas de certos elementos tecnológicos, morfológicos e decorativos e em proporções reduzidas.

Como apresentaremos mais adiante, também os Conjuntos 4 e 6 indicam contatos com ceramistas Tupiguarani. No Conjunto 4, alguns sítios apresentaram artefatos inteiros, bem como a adoção de elementos tecnológicos e morfológicos. Já no Conjunto 6, os grupos ceramistas Tupiguarani teriam participado, segundo Wüst (1990), de um processo de fusão cultural, dando origem aos Bororo etnograficamente conhecidos.

A partir de toda esta discussão parece-nos plausível inferir que, se os grupos portadores de cerâmica Tupiguarani deixaram certamente poucos, fugazes e heterogêneos assentamentos, constituem os grupos que mais estiveram presentes em toda a história da ocupação ceramista pré-colonial do Centro-Oeste. Ainda é difícil definir as causas destas manifestações, bem como o grau de interferência que tiveram no tempo e no espaço. De qualquer forma estes ceramistas mantiveram uma considerável via de acesso entre todos os grupos ceramistas regionais, através de um constante fluxo de objetos e informações. É possível que os ceramistas Tupiguarani tenham tido acesso sincrônico a grupos que, entre si, não fornecem evidências de contato (como grupos ceramistas da tradição Una com ceramistas Aratu, grupos ceramistas Aratu com Bororo, por exemplo).

Este conjunto de relações permite inferir a existência de uma complexa rede de contatos extra-culturais alavancada pelos ceramistas Tupiguarani. Por outro lado, o fato de os 6 sítios reunidos no Conjunto 3 remeterem a situações de contato com portadores de indústrias cerâmicas distintas, além de apresentarem, também, significativas variações na morfologia dos assentamentos e na própria indústria cerâmica associada, parecem apontar para uma grande diferenciação interna, bem como uma elevada permeabilidade a interferências

(1) É possível que esta interferência seja ainda mais antiga, uma vez que o sítio GO-CA-03, relacionado aos agricultores do leste e com data de 171 d.C., também apresenta elementos Tupiguarani. Tratando-se, entretanto, de datação isolada, sua análise necessita de maior embasamento.

as externas, sugerindo uma diversificação cultural e um isolamento de grupos locais no tempo e/ou no espaço.

Embora em caráter ainda absolutamente exploratório, seria possível sugerir que a ocupação de ceramistas Tupiguarani se caracterize pela interação. Entretanto, constituem os grupos que mais parecem ter mantido sua identidade: mesmo tendo interagido, por exemplo, com grupos ceramistas Aratu e Uru, não participaram de seu processo de fusão, voltando a interagir, mais tarde, com o grupo cultural resultante. O próprio fato de 33,3% dos assentamentos Tupiguarani constituírem sítios intra-componenciais fornece novo argumento: embora representem um fenômeno bastante forte de interação (uma vez que pressupõe a convivência em uma mesma aldeia de indivíduos portadores de indústrias cerâmicas distintas), mantém a identidade de seus participantes. Até mesmo no caso da formação do grupo Bororo, que contaria com a participação do elemento Tupiguarani, é nítida a divisão que os sítios analisados apresentam em relação à cultura material, sugerindo que cada grupo (Bororo e Tupiguarani) teria mantido, durante certo período, sua tradição cerâmica, e possivelmente também o conjunto de atividades e representações a que se relacionam.

A ocupação de grupos Tupiguarani no Centro-Oeste parece ser particularmente favorável, assim, para um estudo mais detalhado de interação, que necessariamente deverá abordar problemas referentes à sua intensidade e volume, ao tamanho da rede de troca estabelecida e ao próprio significado dos bens que circulam (temas explorados por autores como Earle e Ericson 1977, 1982; Bankes 1985; Schortman 1989, Van der Leeuw 1984, entre outros).

Datas obtidas no alto Araguaia e no baixo Paranaíba (séculos XIV-XV de nossa era – Schmitz 1976/77) indicam que grupos Tupiguarani teriam permanecido em certas áreas até o contato com o elemento europeu. Já ao menos em 2 outras áreas (vale do Araguaia e vale do São Lourenço) as evidências parecem apontar para um desaparecimento de seus sítios, provavelmente relacionados a processos locais de mudança cultural. No vale do Araguaia, a ocorrência de sítios intra-componenciais Tupiguarani/Aratu/Uru indicaria, conforme discussão acima, um provável fenômeno de incorporação, uma vez que as estruturas dos sítios e o processo mútu-

de empréstimos decorativos e tecnológicos entre as tradições parece excluir a possibilidade de reocupação dos locais (Fensterseifer & Schmitz 1975; Schmitz & Barbosa 1985). Já no vale do São Lourenço, a presença de sítios intra-componenciais das tradições Tupiguarani/Bororo indicariam possível processo de fusão (Wüst 1990).

Resta-nos discutir as possíveis relações entre o sítio aterro Capivara e a ocupação de grupos Tupiguarani. Nas páginas anteriores foi possível detectar uma série de características específicas que este sítio traz, indicando uma situação bastante diversa dos demais casos reunidos no Conjunto 3. Difere nas características ambientais apresentadas pela área onde está localizado (zona do pantanal), difere na morfologia (sítio em aterro) e na filiação cultural atribuída (possivelmente ao grupo Guató). Quanto à cerâmica, embora apresente elementos característicos da indústria Tupiguarani, a ausência de vasilhames de contorno complexo, o predomínio quase absoluto de bases convexas e a alta porcentagem de antiplástico concha moída constituem modificações significativas. Por outro lado, enquadra-se bastante bem nas características gerais apresentadas pela cerâmica dos aterros do Pantanal (Oliveira 1995).

O quadro etnográfico a que estes aterros se relacionam se mostra, entretanto, bastante complexo, tornando difícil desenvolver a questão da origem de seus ocupantes. Tanto do ponto de vista cultural quanto econômico a região do Chaco é uma zona de transição entre a planície da bacia amazônica, a planície argentina e a zona sub-andina. As culturas de todas estas regiões ter-se-iam misturado no Chaco, resultando em considerável densidade demográfica e onde ocorreriam intensas influências e conflitos culturais (Carvalho 1992; Susnik 1972; Métraux 1944). Alguns autores discutem a hipótese de os grupos Guató serem relacionados ao tronco lingüístico Macro-Gê (Schmidt 1912; Oliveira 1993, 1995). Estes problemas necessitam de maior fundamentação, tanto no campo da Arqueologia como da Etnologia. De qualquer forma, parece que envolvem um quadro de ocupação pré-colonial específico e diverso das demais porções analisadas no Centro-Oeste. É possível que grupos ceramistas Tupiguarani tenham participado da origem multi-cultural sugerida para a ocupação do Chaco. Mesmo porque esta área estaria dentro da rota migratória sugerida por Brochado (1984) para o deslocamento dos grupos Guarani.

Os agricultores do Centro-Norte

Como vimos anteriormente, os Conjuntos 1 e 2 reúnem sítios com características bastante específicas, respectivamente relacionados às indústrias cerâmicas Uru e Aratu. Apresentam suas datações mais antigas, além de se localizarem em porções geográficas bem definidas e adjacentes às suas prováveis regiões de origem. Já o Conjunto 4, embora também reúna sítios inicialmente relacionados à tradição Uru (6 deles, ou 66,6%) e à Aratu (22,2%), além de 1 sítio da tradição Una (11,1%), apresenta um quadro notadamente diverso. Em primeiro lugar, seus sítios estão relacionados a um período mais recente das ocupações dos grupos portadores de cada uma destas indústrias, entre os séculos XIII e XV. Em segundo lugar, se para o Conjunto 1 define-se uma área de ocupação do Araguaia para oeste e, para o Conjunto 2, do Araguaia para leste, os sítios do Conjunto 4 ocorrem preferencialmente no que poderíamos denominar “área de contato” (o alto/médio Araguaia e o alto Tocantins – 5 sítios). Podem localizar-se ainda no território originalmente exclusivo dos agricultores do oeste, no Mato Grosso (2 sítios) e no território originalmente exclusivo dos agricultores do leste, no baixo Paranaíba (2 sítios – Figura 4).

A ocupação destas áreas remete a uma maior diversidade ambiental. A implantação dos sítios na paisagem se dá de forma diversificada, indicando o aproveitamento de locais mais íngremes. Embora mantendo a morfologia anular, são estruturas consideravelmente menores, tendo um reduzido número de concentrações de material. Além disto, sua indústria cerâmica pode ser definida enquanto um misto de elementos do Conjunto 1 (Uru) e do Conjunto 2 (Aratu), reunindo sítios com diferentes níveis de variação.

Da mesma forma como alertamos para o Conjunto 3 (Tupiguarani), seria necessário contar com investigações estratigráficas para definir que a natureza intra-componencial de seus vestígios esteja indubitavelmente relacionada a uma mesma ocupação. Entretanto, ao menos os sítios do vale do Araguaia e os do São Lourenço sofreram investigações mais detalhadas, dando suporte à discussão que se segue.

As informações sugerem que o Conjunto 4 retrate a emergência de novos grupos culturais, aqui denominados “agricultores do centro-norte” (em oposição aos “agricultores do leste”, relacionados

aos ceramistas Aratu iniciais, e aos “agricultores do oeste”, relacionados aos ceramistas Uru iniciais). A origem dos agricultores do centro-norte parece estar ligada a profundas modificações ocorridas tanto entre os grupos portadores da cerâmica Aratu como da Uru, aproximadamente a partir do século X.

Conforme Wüst (1983) e segundo análises desenvolvidas para a região do Mato Grosso de Goiás, os grupos ceramistas Aratu apresentariam, nos sítios relacionados aos níveis temporais 3 e 5 (século X-XI em diante) uma série de movimentações nos assentamentos, como resposta a pressões de grupos externos, exercidas nas fronteiras territoriais a norte e oeste (vales do Tocantins e Araguaia). Um aumento populacional interno, agravado pela dificuldade de expansão territorial, teria levado a constantes deslocamentos, acompanhados por cisões e junções de comunidades, bem como um aproveitamento mais generalizado do meio físico, refletido na ocupação de ambientes diversos (como o cerrado), além da utilização mais intensiva de seus territórios, através da implantação de sítios em morros com vertentes anteriormente não aproveitadas.

A redução no tamanho dos assentamentos em períodos recentes foi relacionada por Wüst (*op. cit.*) a um considerável declínio populacional devido ao contato com a sociedade nacional. Nossos estudos indicam, entretanto, que o processo teria iniciado em período anterior, a partir de uma grande intensidade de contatos extra-tribais, embora possam ter se intensificado com a chegada do colonizador europeu.

Já para os grupos de cerâmica Uru, pesquisas desenvolvidas no vale do São Lourenço indicam, segundo Wüst (1990), um período de tensão relacionado aos sítios reunidos nos componentes U2 e U4, cujas datações também remetem do século X em diante. Segundo a autora, esta ocupação teria passado por um processo de profundas transformações internas, definindo a formação do que denomina “comunidades locais” e que teriam, inclusive, alcançado diferentes níveis de complexificação sócio-cultural (Wüst *op. cit.*: 368, 383).

As mudanças culturais por que cada grupo teria passado sugerem, assim, uma natureza diversa: enquanto os ceramistas Aratu modificam seus padrões a partir de estímulos externos, os ceramistas Uru indicariam transformações decorrentes de um desenvolvimento interno. É possível que

isto se deva, entretanto, à própria localização geográfica das áreas estudadas. Enquanto o quadro sugerido para os ceramistas Aratu se baseia no estudo de uma área justamente no limite territorial com os ceramistas Uru (e portanto muito mais vulnerável a apresentar seus impactos), o quadro sugerido para os ceramistas Uru se baseia no estudo de uma área “core”, no centro do Mato Grosso, onde talvez estas evidências de contato apresentassem-se com menor intensidade. Neste sentido, seria interessante contar com estudos semelhantes em áreas “core” de ceramistas Aratu, que pudessem fornecer dados sobre transformações culturais amplas por que o grupo tenha passado.

Por outro lado, é notável que não foram identificados sítios da tradição Aratu a oeste do Araguaia, enquanto que existem sítios da tradição Uru a leste. Em outras palavras, os ceramistas Uru teriam não apenas mantido contato com ceramistas Aratu no vale do Araguaia, mas também instalado alguns assentamentos em meio à área “core” Aratu (o vale do Paranaíba), revelando uma intromissão não observada em seu próprio território. Além disto, as indústrias cerâmicas relacionadas ao Conjunto 1 (Uru originais) e Conjunto 2 (Aratu originais) indicam diferentes permeabilidades à intromissão de elementos externos: enquanto os ceramistas Uru se mostram mais fechados, com poucos sítios apresentando elementos Aratu, estes últimos foram, desde o início, mais permeáveis. A partir de todos estes dados seria possível sugerir que os ceramistas Uru teriam correspondido muito mais ao elemento “dominador”, enquanto os ceramistas Aratu ao elemento “dominado”.

Esta situação parece encontrar reflexo, ainda, nas características apresentadas pela indústria cerâmica do Conjunto 4. O predomínio de vasilhames diretos, bem como a rara presença de pratos assadores de mandioca indicariam um abastecimento baseado no milho, remetendo ao contexto da ocupação de ceramistas Aratu. É difícil identificar, entretanto, se isto se deve ao fato de, na formação dos “grupos agricultores do centro-norte”, terem predominado as atividades econômicas desenvolvidas pelos ceramistas Aratu, ou se a adoção do milho também já teria ocorrido entre os Uru, como sugere o trabalho de Wüst no vale do São Lourenço (1990). Neste caso, o abastecimento baseado no milho representaria uma conjunção de fatores e não o predomínio de padrões econômicos dos ceramistas Aratu.

Por outro lado, a indústria cerâmica do Conjunto 4 apresenta uma supremacia de elementos tecnológicos e estilísticos da cerâmica Uru, talvez indicando uma maior influência de seus ceramistas (em termos qualitativos e quantitativos), bem como uma continuidade de seus valores estéticos e simbólicos.

Também o próprio número de sítios inicialmente relacionados à tradição Uru no Conjunto 4 (6 sítios, em oposição a apenas 2 da tradição Aratu) sugere um predomínio de contingentes populacionais originários dos agricultores do oeste. Não podemos esquecer que o quadro arqueológico regional parece indicar que os sítios mais recentes da tradição Aratu passariam por um processo de esgotamento, enquanto os sítios da tradição Uru indicariam não apenas um aumento populacional, mas o desenvolvimento de um processo de complexificação sócio-política. Assim, no período de formação dos “grupos agricultores do centro-norte” os ceramistas Uru parecem ter reunido maior condição de supremacia.

A emergência dos grupos agricultores do centro-norte parece ter participado de um processo de inversão na estrutura maior da ocupação regional: se até o século X-XI os vales do Paranaíba e São Lourenço teriam constituído áreas “core” de ocupação, vão se tornar periféricas, enquanto o vale do Araguaia, que sempre teria correspondido a algum tipo de limite na distribuição dos sítios, passa a constituir área central.

Ainda não é possível fornecer uma caracterização precisa destes agricultores do centro-norte, uma vez que podem ser seguramente relacionados apenas os 6 sítios do Conjunto 4. Mesmo que sua formação deva ter se processado no vale do Araguaia e alto Tocantins, nem todos os sítios aí localizados podem, *a priori*, ser-lhes relacionados. Isto porque tanto os Conjuntos 1 e 2 apresentam sítios nestas áreas, como o Conjunto 4 apresenta, em contrapartida, sítios localizados nas porções mais centrais dos territórios inicialmente definidos para cada grupo (como é o caso do sítio MT-SL-04 e 51, localizados no vale do São Lourenço).

É mesmo possível, como já alertamos anteriormente, contarmos no Conjunto 4 com sítios que, embora não possam mais ser considerados enquanto integrantes dos denominados agricultores do leste e do oeste, estejam relacionados a processos locais e específicos de mudança cultural, revelando portanto a emergência de um

maior número de grupos pelo Centro-Oeste. As análises desenvolvidas no presente trabalho, fundamentadas nas indústrias cerâmicas, permitem lançar apenas as primeiras pistas de uma situação que, certamente, envolve processos bem mais complexos. A própria distância geográfica apresentada pelos sítios do Conjunto 4, bem como as especificidades que apresentam quanto à localização e à implantação dos sítios na paisagem parecem remeter a favor desta hipótese.

Devemos ainda analisar o significado da presença, no Conjunto 4, do sítio MT-GA-42, originalmente relacionado à tradição Una. Em primeiro lugar, parece reafirmar a hipótese de o Conjunto reunir representantes de diferentes processos de mudança cultural, que no caso do alto vale do Araguaia, onde MT-GA-42 se localiza, envolveria a incorporação de remanescentes ceramistas Una. Em segundo lugar, fornecem as primeiras pistas para compreender o processo de extinção por que estes ceramistas teriam passado.

Devemos notar, entretanto, que a forma de incorporação destes grupos teria sido notadamente distinta. Conforme discussões acima, embora seja possível que os ceramistas Uru tenham desempenhado um papel predominante sobre os ceramistas Aratu, ambos contribuíram com elementos de seus grupos culturais originais para a formação do novo. O mesmo não se aplica, entretanto, com relação ao sítio Una. O fato de perpetuar o conjunto de padrões culturais definido pela tradição (continua sendo um sítio em abrigo, localizado em área de relevo acidentado e pouco fértil, com uma indústria tecno-morfológicamente simples) sugere que seus ocupantes não tenham incorporado os padrões culturais dos demais grupos envolvidos. O inverso também parece válido, uma vez que as características apresentadas pelo Conjunto 4 não parecem ter absorvido padrões culturais dos ceramistas Una. A partir daí, seria válido supor que estes últimos ou teriam sido incorporados aos “agricultores do centro-oeste” em condições hierárquicas inferiores, ou que teriam sido dizimados, em um segundo momento.

O Conjunto 4 reúne, portanto, vestígios das indústrias Aratu, Uru e Una, além da presença de artefatos e/ou elementos da cerâmica Tupiguarani. Embora em proporções bastante variadas, parecem apontar para uma complexa matriz de associações intra-regionais. Isto sem mencionar as interferências que provavelmente tenham sofrido por parte

de grupos instalados nas regiões circunjacentes ao Centro-Oeste, cujas movimentações sem dúvida interferiram, motivaram e/ou aceleraram seus processos internos.

Os grupos Bororo

Embora a maior parte da história Bororo se desenvolva após o contato com o colonizador europeu (escapando, assim, do período de interesse da presente pesquisa), constitui mais um exemplo da emergência de uma nova unidade sócio-cultural, resultado da movimentação e intensas redes de relações estabelecidas entre grupos do Centro-Oeste. Com isto, nosso interesse se projeta para o período de formação do grupo, estreitamente relacionado ao próprio declínio de grupos pré-coloniais analisados, como seria o caso dos agricultores do oeste (Conjunto 1).

A origem dos Bororo ainda é bastante discutida, embora todos concordem que sejam resultado de um processo de integração e hierarquização sócio-política entre contingentes populacionais linguística e culturalmente diferenciados, ocorrido no interior da região Centro-Oeste (vide discussão em Wüst 1990: 86-90). De fato, os Bororo apresentam a maior porcentagem de sítios intra-componenciais de todos os demais grupos ceramistas analisados (37,5), indicando uma situação de intensas relações extra-culturais.

A formação do grupo teria ocorrido no início do século XVIII, motivada por deslocamentos e pressões regionais e extra-regionais. Uma vez que sua indústria cerâmica e lítica indica uma considerável ruptura frente aos quadros apresentados pelos ceramistas regionais, Wüst (1990: 445-6) considera mais pertinente definir-lhes uma origem externa, onde uma possível minoria, detentora de uma tecnologia cerâmica específica (semelhante à dos Bororo etnográficos) consegue impor aos agricultores regionais Uru um novo valor estético.

É notável que a cerâmica Bororo apresente características bastante semelhantes à cerâmica Una (fato inclusive já mencionado por Wüst 1990), reforçando a hipótese de que grupos “proto-Bororo” teriam alguma relação com os grupos ceramistas iniciais, em sua origem.

De qualquer forma, o processo de formação dos grupos Bororo teria tido lugar dentro do próprio Centro-Oeste, uma vez que todos os seus sítios se localizam, até o momento, no vale do Paraguai

(Figura 5). O processo pressuporia, portanto, o deslocamento de grupos externos à região. Pela localização geográfica provavelmente viriam da margem esquerda do Paraguai, seja em sua porção norte, oeste ou sul.

O processo de incorporação de grupos portadores de cerâmica Uru à sociedade Bororo foi definido tanto pela presença de sítios intracomponentais, pelo fato de não se contar com sítios de cerâmica Uru a partir do século XVIII, bem como por diferentes fatores que sugerem uma continuidade no complexo quadro de mudanças culturais que ceramistas Uru teriam sofrido nos séculos anteriores (onde se incluem mudanças no sistema de abastecimento, que passa a se basear no milho, uma complexificação sócio-política, além de intensas redes de fluxos de informação entre as anteriores comunidades locais).

Quanto aos ceramistas Tupiguarani, sua participação na formação dos grupos Bororo foi também atestada, em nossas análises, pelo sítio MT-RN-47 (classificado como Tupiguarani/Bororo), reunido pelo teste de Cluster ao sítio MT-RN-36 (exclusivamente Bororo). A presença bem marcada em MT-RN-47 de artefatos Tupiguarani em paralelo a uma cerâmica distinta, relacionada aos grupos Bororo, parece remeter, igualmente, a um processo de fusão entre grupos distintos e não a uma mera intromissão de elementos isolados de uma ou outra indústria cerâmica. Por outro lado, as condições ambientais apresentadas pelos assentamentos Bororo parecem mais semelhanças com os padrões observados na área para os grupos Tupiguarani (implantados ao longo dos rios, em áreas de mata e solo mais fértil) do que com os ceramistas Uru, remetendo a um quadro de influências que não se restringiria à cultura material. Elementos da língua Tupi também estão presentes na língua Bororo (Wüst 1990).

Os Bororo seriam, portanto, resultado da fusão entre grupos com cultura material significativamente diversa, que levaria a um certo nivelamento de diferenças regionais e locais anteriores, através do surgimento de um sistema regional único ligado por intensas redes e fluxos de informação (Wüst 1990: 445). Entretanto, variações observadas especialmente no padrão de implantação indicariam, segundo Wüst (1990: 420), a interferência de fatores de natureza sócio-política, gerada pela pressão do colonizador europeu. Com um sistema de abastecimento baseado no

milho, os Bororo escolhem áreas de maior potencial agrícola, ocupando as margens de rios de maior porte e obedecendo um padrão essencialmente linear na distribuição dos assentamentos. Esta estratégia acabou agilizando o contato com a sociedade nacional, que igualmente desejava explorar estas porções de elevado potencial agrícola. O precoce contato com o colonizador efetou profundas transformações culturais na emergente sociedade Bororo, motivados por processos que fogem ao tema da presente tese.

A ocupação do Pantanal Mato-Grossense

O fato de o sítio Morro do Cará-Cará, localizado na zona do Pantanal, ter sido isolado pelo teste de Cluster no Conjunto 7, permite elaborar algumas questões, embora a escassez de dados faz com que sejam, ainda, de difícil desenvolvimento.

Em primeiro lugar, é notável que os 2 sítios do Pantanal analisados (Morro do Cará-Cará e aterro Capivara) tenham sido relacionados a Conjuntos distintos pelo teste de Cluster (respectivamente Conjunto 7 e 3). Apresentam, de fato, variações na morfologia e localização (o primeiro constituindo um abrigo na média vertente de um morro, o segundo é um aterro a céu aberto na planície do Pantanal). Quanto à cerâmica, o Morro do Cará-Cará apresenta uma indústria mais simples do que o aterro Capivara (que já tem a cerâmica mais simples do Conjunto 3). Os sítios mostram, todavia, alguns elementos comuns, como o predomínio de vasilhames pequenos e médios, de contornos diretos, de bordas simples e reforçadas, exclusividade de bases convexas e planas, presença de tratamento de superfície por enegrecimento, além de antiplástico areia, cariapé, caco moído e concha moída.

Embora o Morro do Cará-Cará tenha sido descrito como sítio que reuniria ao menos duas ocupações distintas, uma delas Tupiguarani (Fichas de Sítio do IPHAN/Cuiabá), sua cerâmica não tem vasilhames decorados, presentes no aterro Capivara nas categorias engobo, pintura, motivos plásticos e apêndices. Provavelmente este atributo tenha influído na inclusão do aterro Capivara ao Conjunto 3 (Tupiguarani). Por outro lado, a região do rio Cará-Cará é historicamente ocupada pelo grupo Guató (Oliveira 1995: 192), ocorrendo de fato grande quantidade de seus sítios nas imediações (Figura 3).

Estes dados permitem supor que o sítio deve apresentar uma situação bem mais complexa do

que a que foi possível observar. Ou que, de fato, corresponda a uma ocupação distinta da relacionada aos aterros, uma vez que a região parece ter sido ocupada, como vimos nas páginas anteriores, por grupos culturais diversificados.

Considerações finais

Finalizando as análises do presente texto, faremos uma breve consideração do objetivo maior do trabalho frente aos dados que foram obtidos.

Nossa proposta era discutir a posição do Centro-Oeste enquanto **área de confluência** para deslocamentos diversos relacionados a grupos ceramistas (sejam deslocamentos de informações, objetos e/ou pessoas), oriundos das regiões circunja-centes em período pré-colonial. Esta proposta divergia, em vários sentidos, da apresentada por outros pesquisadores, que tradicionalmente consideravam a região como **um corredor de deslocamento** (Schmitz 1976/77; Schmitz *et alii* 1978/79/80). Esta suposição se baseava, em primeiro lugar, nas características ambientais da região, principalmente relacionadas à hidrografia e à sua localização em relação ao restante do país, permitindo a passagem de grupos indígenas, que teriam utilizado tanto os rios enquanto eixos e/ou referenciais de deslocamento, como o próprio transporte terrestre, facilitado pelo relevo geralmente plano da região. Além disto, o fato de os diversificados vestígios de grupos ceramistas remeterem, por vezes, a origens externas, parecia favorecer a sugestão. Certamente cada uma destas situações (corredor de passagem X área de confluência) remete a um quadro de ocupação com características distintas, notadamente no que diz respeito à intensidade e significado das relações de interação social no processo de desenvolvimento cultural.

Retomando as vias de ocupação que puderam ser identificadas para cada um dos grupos ceramistas analisados, vemos que remetem a situações bastante diversificadas. Analisemos, em primeiro lugar, o conceito de “corredor de passagem”. Dos 7 grupos culturais tratados, a origem de ao menos 5 parece ter tido, primordialmente, insumos externos: os agricultores do leste, os agricultores do oeste, os ceramistas Tupiguarani, os grupos Bororo e os grupos Guató. É notável, entretanto, que não se conte com qualquer indício de que tenham atra-

vessado a região Centro-Oeste e continuado a ocupar outras regiões. Assim, por exemplo, não se tem notícia, no sul do país, de ceramistas Uru, nem notícia de grupos Bororo ou Guató na região sudeste. Única exceção seria formada pelos ceramistas Tupiguarani, cujos vestígios ocorrem, de fato, por todo o território nacional. Mas são, curiosamente, os grupos que apresentam os vestígios mais fugazes de ocupação, embora certamente tenham desempenhado um papel significativo em todo o processo regional. Além disto, o fenômeno de difusão a que estariam relacionados indica dois eixos maiores, a leste e a oeste, que *circundam* a região, e não passam por ela.

Dos 2 grupos culturais restantes, o formado pelos grupos ceramistas iniciais, embora possivelmente também tenha recebido insumos externos, estaria fortemente ligado ao processo de desenvolvimento cultural dos grupos caçadores-coletores locais, podendo apresentar grandes variações. Além disto, a distribuição dos sítios na borda leste do Planalto e em sua porção centro-sul sugerem, em primeiro lugar, um acesso via contrafortes e, em segundo lugar, uma expressiva individualidade de suas manifestações. Não parece resultar, mais uma vez, de um eixo de passagem na região.

Outro ponto a ser abordado é que, dos 7 grupos culturais estudados, apenas 3 parecem ter utilizado o transporte fluvial como via de penetração: os agricultores do oeste, os grupos Bororo e Guató. Apenas o primeiro ter-se-ia servido da rede de transporte formada pelos afluentes do Amazonas (Xingu e Tapajós e, talvez ainda, Araguaia e Tocantins). Já os grupos Bororo e os Guató, de provável origem na região do Chaco, podem ter-se servido do sistema Paraná/Paraguai (que, entretanto, não atravessa o Centro-Oeste, mas apenas serve sua porção leste). Os demais 2 grupos de provável origem externa (agricultores do leste e Tupiguarani) apresentam indícios de terem vindo via contrafortes. Mesmo os agricultores Tupiguarani, tradicionalmente canoieiros, podem ter se valido das vias fluviais para alcançar as regiões circunjacentes ao Centro-Oeste, mas não para nele penetrar. Com isto parece que a região Centro-Oeste definitivamente não se apresenta como “corredor de passagem” e o conceito de “área de confluência” parece adequado.

Estas análises levam à formulação de importantes problemas de pesquisa. O fato de as grandes vias fluviais não terem tido maior aproveitamento enquanto eixos de penetração parece

contrariar, inclusive, uma das grandes vantagens ambientais que a região apresenta. O desenvolvimento destes problemas extrapola a arqueologia regional, como também carece de um conhecimento muito mais aprofundado das condições ambientais da região à época de cada ocupação. Oferece já, entretanto, um fértil campo de discussão.

* * *

Certamente toda a discussão desenvolvida no presente trabalho apresenta ainda um caráter provisório e exploratório, devido às próprias condições da pesquisa arqueológica na região Centro-Oeste, bem como ao restrito número de sítios que puderam ser analisados nesta primeira etapa do projeto. Pesquisas anteriores revelavam já a presença de 4 grandes categorias de grupos ceramistas para a região: uma relacionada a sítios com cerâmica Una, outra a sítios com cerâmica Aratu, outra Uru e outra Tupiguarani. De fato, estariam relacionados a grupos com origens distintas, cujas especificidades e processos gerais de desenvolvimento foram discutidos no decorrer do presente trabalho.

Entretanto, diferentes dados permitem inferir que a partir do século X, quando toda a extensão do Centro-Oeste já se apresentaria principalmente ocupada por grupos ceramistas, os contatos extra-tribais ganhariam um novo significado, desenvolvendo-se com grande intensidade e através de estímulos diversos. Embora as características destas relações certamente apresentem enormes variações no tempo e no espaço, acreditamos que tenham envolvido a ocupação pré-colonial do Centro-Oeste como um todo, motivando profundos processos locais de mudança cultural, fusões inter-grupais, emergência de novas unidades culturais ou, até mesmo, a confinada manutenção de determinados núcleos originais.

Assim não é mais possível, por exemplo, persistir com a classificação dos sítios através das características gerais que suas indústrias cerâmicas apresentam, porque estaríamos relacionando vestígios de ocupações notadamente diversas. Os 122 sítios atualmente relacionados à tradição Aratu não formam, definitivamente, um único grupo cultural, apresentando significativas variação no tempo e no espaço. O mesmo ocorre com os 112 sítios relacionados à tradição Uru. O procedimento básico está em reconhecer que as variações não constitu-

em exceção a serem forçosamente incorporadas a uma ou outra tradição arqueológica preexistente, mas sim a uma situação de fato que necessita emergir com todas as multi-faces que possui. O reconhecimento do que denominamos “grupos agricultores do centro-norte”, bem como a formação dos grupos Bororo, constituem as primeiras evidências deste processo mais amplo, ainda que no primeiro caso provavelmente reunindo diferentes grupos culturais localizados.

Não podemos esquecer que o presente trabalho ainda não lidou com alguns contextos da região Centro-Oeste, relacionados a sítios do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (fases Aguapeí, Traçajá, Camararé, etc.; sítios como o Abrigo do Sol, os “cemitérios” do vale do Paraguai e um maior conhecimento dos aterros do Pantanal). Sua investigação certamente dará uma complexidade ainda maior à arqueologia regional.

Com tudo isto, concluímos ser de fato pertinente considerar o Centro-Oeste enquanto área de confluência, para onde grupos ceramistas oriundos de diferentes regiões se teriam deslocado e desenvolvido. Inicialmente ter-se-iam formado, de certa maneira, áreas “exclusivas” de ocupação, adjacentes às regiões de origem. Embora contatos extra-grupais tenham ocorrido durante todo o período, com o tempo, os grupos tenderiam a se defrontar, estabelecendo formas de contato mais intensas. Como resultado teríamos o surgimento de uma série de variações locais, que passam a constituir o padrão arqueológico regional. Desta situação é que derivaria, na época do contato com o colonizador europeu (principalmente nos séculos XVII e XVIII), a grande densidade e diversidade de grupos etnograficamente conhecidos.

Para que as discussões possam evoluir faz-se necessário, por um lado, contar com uma maior amostragem de sítios analisados, não apenas dentro da própria região Centro-Oeste, como envolvendo áreas circunjacentes que se mostraram estratégicas, principalmente relacionadas ao norte, nordeste e sudeste brasileiro. Por outro lado, enquanto nossa unidade de análise continuar a ser formada por sítios arqueológicos dispersos no tempo e no espaço, as discussões dificilmente ultrapassarão o nível descritivo. Somente com a multiplicação de projetos regionais (que tenham por objetivo o estudo de sistemas sócio-culturais em sua estrutura, funcionamento e mudança), aliados ao estudo sistemático de sítios que permitam analisar em detalhe a

dinâmica destes processos de mudança (Household Archaeology) é que se poderá chegar mais além. Isto exigirá, sem dúvida, o desenvolvimento de estratégias metodológicas distintas e específicas, para que os dados arqueológicos possam, definitivamente, revelar não apenas aspectos descritivos mas interpretativos, capazes de contribuir para a construção de modelos cujo interesse ultrapassa o nível regional.

A cerâmica, enquanto vestígio básico de nossas análises, permitiu não apenas reconhecer uma série de fenômenos culturais, mas também indicar que teria exercido papéis distintos nos grupos considerados. Mesmo assim, os resultados necessitam ser revistos à luz de outras fontes de informação, para que se possa avaliar o próprio potencial da cerâmica como indicador de interação e/ou mudança cultural.

ROBRAHN GONZALEZ, E.M. Prehistoric ceramic societies from the Central-Western Brazil. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 83-121, 1996.

ABSTRACT: This article discusses the Central-West Brazil as a confluence area for population and/or cultural information movements from surrounding cultural areas. These movements seem to have had a great influence in the very formation of the Central-West agricultural societies, as well as in their historical evolution. This work has been performed not only through systematic review of the bibliographic information, but also involved careful re-evaluation, by means of multivariate statistical methods, of data and collections from 47 outstanding ceramic sites from that area.

UNITERMS: Ceramic societies – Central-West Brazil – Migration – Cultural relations.

Referências bibliográficas

- AB'SABER, A.N.
1977 Espaços ocupados pela extensão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. *Paleoclimas*, Inst. de Geogr. USP, São Paulo, 3.
- ALVES, M.A.; MACHADO, L.C.
1995 Estruturas Arqueológicas e padrões de sepultamento do sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. *Programa Oficial de Resumos da VIII Reunião Científica da SAB*, PUCRS, Porto Alegre.
- ANDRADE LIMA, T.
1986 Cerâmica indígena brasileira. D. Ribeiro (Ed.) *Suma Etnológica Brasileira*, FINEP-Vozes, Petrópolis, vol 2: 173-230.
- ANDREATTA, M.D.
1982 *Padrões de povoamento em pré-história goiana: análise de um sítio tipo*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo.
- BANKES, G.
1985 The manufacture and circulation of paddle and anvil pottery on the north coast of Peru. *World Archaeology*, 17 (2): 269-277.
- BARBOSA, A.S.; SCHMITZ, P.I.; STOBHAEUS, A.; MIRANDA, A.F.
1982 Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama. Pesquisas, *Antropologia*, Inst. Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 34: 49-92.
- BECQUELIN, P.
1973 *Relatório de pesquisas arqueológicas no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Depto. de Arqueologia, Belém.
- BIGARELLA, J.J.
1971 Variações climáticas no Quaternário superior do Brasil e sua datação radiométrica pelo método do C14. *Paleoclimas*, USP, 1.
- BLACK, F.L.; PANDEY, J.P.; SANTOS, E. B.
1991 Evidências baseadas em HLA e IgG sobre as relações intra e intercontinentais das populações nativas da Amazônia. W.Neves (Ed.) *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém, MPEG: 55-84.

- BROCHADO, J.J.
 1984 *An ecological model of the sprad of pottery and agriculture into eastern South America*. Ph.D. Thesis, Univ. of Illinois.
 1991 Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. *Anais do I Simpósio de pré-história do nordeste brasileiro*, Univ. Federal de Pernambuco, Recife: 85-88.
- BROCHADO, J.J.; LATHRAP, D.W.
 1982 *Amazonia*. Dep. of Anthropology, Univ. of Illinois.
- CARVALHO, S.M.S.
 1992 Chaco: encruzilhada dos povos e melting pot cultural. M.C. Cunha (Org.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo, SMC/Companhia das Letras: 457-474.
- CHMYZ, I.
 1974 Dados arqueológicos do baixo rio Paranapanema e alto Paraná. PRONAPA, *Publicações Avulsas*, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 26.
- DIAS, O.F. Jr.; CARVALHO, E.
 1978 Uma habitação semi-subterrânea em Minas Gerais – dados arqueológicos. *Arquivos do Museu de História Natural*, UFMG, Belo Horizonte, III: 239-260.
- DOLE, G.E.
 1961/62A preliminary consideration of the prehistory of the Upper Xingu Basin. *Revista do Museu Paulista* N.S., USP, 13: 399-423.
- EARLE, T.K.; ERICSON, J.E.
 1977 Exchange Systems in Archaeological Perspective. Earle & Ericson (Eds.) *Exchange Systems in Prehistory*. Academic Press, New York: 3-14.
 1982 *Contexts for Prehistoric Exchange*. Academic Press, New York.
- FENSTERSEIFER, E.; SCHMITZ, P.I.
 1975 Fase Iporá. Uma fase Tupiguarani no sudoeste de Goiás. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, II (2): 19-79.
- HODDER, I.
 1979 Pottery production and use: a theoretical discussion. H.Howard; E.L.Morris (Eds.) *Production and distribution: a ceramic viewpoint*. BAR International Series, 120, Oxford: 215-220.
- HOOPEES, J.W.
 1994 Ford revisited: a critical review of the chronology and relationships of the earliest ceramic complexes in the New World 6000-1500 BC. *Journal of World Prehistory*, 8(1): 1-49.
- MEGGERS, B.J.
 1991 Cultural evolution in amazonia. A.T.Rambo; K.Gilligly (Eds.) *Profiles in cultural evolution*. Papers from a Conference in Honor of Elman R. Service. Anthropological Papers. Mus. of Anthropology, Univ. of Michigan 85: 191-216.
 1992 Prehistoric population density in the Amazon Basin. J.W.Verano; D.H.Ubelaker (Eds.) *Disease and demography in the Americas*. Smithsonian Institution Press, Washington DC: 197-205.
- 1995 Judging the Future by the Past. J. Sponsel (Ed.) *Indigenous peoples and the future of Amazonia*. Univ. Arizona Press: 15-43.
- MÉTRAUX, A.
 1944 Estudios de etnografia chaquense. *Anales del Inst. de Etnografia Americana*, Univ. Nacional de Cuyo, 5: 263-314.
- MILLER, T.E.
 1983 *História da cultura indígena do alto-médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)*. Dissertação de Mestrado na PUC/RS. Porto Alegre.
 1987 Pesquisas arqueológicas paleoíndigenas no Brasil Ocidental. *Estudos Atacamenos*, Univ. del Norte, San Pedro de Atacama, 8: 37-61.
 1992 Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte. *Arqueologia, Ambiente e Desenvolvimento*. Eletronorte, Brasília.
- OLIVEIRA, J.E.
 1993 A utilização da analogia etnográfica no estudos dos aterros da região pantaneira de Corumbá, MS. *Anais da VII Reunião da SAB*, João Pessoa: 159-169.
 1995 *Os Argonautas Guató – aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.
- PARDI, M.L.O.
 1995 Frentes de expansão. Seu potencial e impacto sobre o patrimônio arqueológico – o caso da Amazônia Mato-grossense a partir de um reconhecimento da 14. "CR/IPHAN". *Anais da VIII Reunião Científica da SAB*, Vol. 2, Porto Alegre: 289-308.
- ROBRAHN, E.M.
 1989 *Relatório de Impacto Ambiental. Área: Arqueologia. Usina Hidrelétrica de Barra do Peixe*. Relatório entregue ao IPHAN.
 1990 *Projeto de Pesquisa Arqueológica das UHEs de Serra da Mesa e Cana Brava – Relatório I*. IGPA/UCG, Goiânia. Relatório entregue ao IPHAN
- ROBRAHN GONZÁLEZ, E.M.
 1995 Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: origens e desenvolvimento. *Anais da VIII Reunião Científica da SAB*, Vol. 2, Porto Alegre: 233-248.
 1996 *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.
- ROGGE, J.H.; SCHMITZ, P.I.
 1992 Projeto Corumbá: a cerâmica dos aterros. *Anais da VI Reunião Científica da SAB*, Rio de Janeiro: 781-791.
 1994/95 Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2): 169-180.
- ROOSEVELT, A.
 1992 Arqueologia Amazônica. M. Carneiro da Cunha

- (Org.) *História dos Índios do Brasil*, FAPESP/SMC, Cia das Letras, São Paulo: 53-86.
- ROUSE, I.
1986 *Migrations in Prehistory*. New Haven, Yale Univ. Press.
- SCATAMACCHIA, M.C.M.
1981 *Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo.
- SCHMIDT, M.
1912 *Reisen in Mato Grosso im Jahre 1910. Zeitschrift fuer Ethnologie*, Berlin, 44: 130-174.
- SCHMITZ, P.I.
1975 Projeto Paranaíba – Relatório prévio das atividades de campo. *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, II(2): 9-17.
1976/77 Arqueologia de Goiás. Sequência cultural e datações de C14. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, 3/4: 1-15.
1987 Caçadores antigos no sudoeste de Goiás, Brasil. *Estudios Atacameños*, Univ. del Norte, San Pedro de Atacama, 8: 16-35.
1993 *Programa arqueológico do MS – projeto Corumbá*. Trabalhos apresentados no VI Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia: Novas Perspectivas. PUC/RS, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; RIBEIRO, M.B.
1978/79/80 Temas de Arqueologia Brasileira n.5 - Os cultivadores do planalto e do litoral. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, 9: 33-34.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; WÜST, I.; MOEHLECKE, S.
1982 Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. Pesquisas, *Antropologia*, Inst. Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 32: 85-106.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.
1985 *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. Inst. Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, A.S.; JACOBUS, A.L.; RIBEIRO, M.B.
1989 Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Seranópolis I. Pesquisas, *Antropologia*, Inst. Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 44.
- SCHORTMAN, E.M.
1989 Interregional interaction in Prehistory: the need for a new perspective. *American Antiquity*, 54(1): 52-65.
- SCHORTMAN, M.; URBAN, P.A.
1987 Modeling interregional interaction in Prehistory. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 11: 37-95.
- SIMÕES, M.F.
1972 Fases arqueológicas brasileiras 1950-1971. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Belém, 18: 13-75.
- SIMÕES, M.F.; ARAUJO COSTA, F.
1987 Pesquisas arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará). *Revista de Arqueologia*, Belém, 4(1): 11-28.
- SIMÕES, M.F.; GENTIL CORREA, C.
1987 Pesquisas arqueológicas no baixo Uatamã-Jatapu (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, Belém, 4(1): 29-48.
- SIMÕES, M.F. & MACHADO, A.L.
1987 Pesquisas arqueológicas no lado de Silves (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, Belém, 4(1): 49-82.
- SIMONSEN, I.; OLIVEIRA, A.P.
1976 *Cerâmica da Lagoa Miararré. Notas prévias*. Museu Antropológico, UFGO, Goiânia.
1983/84 Sítios cerâmicos da bacia do Paranã – Goiás. *Arq. do Mus. de Hist. Natural*, UFMG, Belo Horizonte, VIII-IX: 121-129.
- SUSNIK, B.
1972 Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento antropológico*, Univ. Católica, Asunción, 7(1-2): 85-107.
- VAN DER LEEUW, S.E.
1984 Pottery manufacture: some complications for the study of trade. P.M. Rice (Ed.) *Pots and Pottery*. Los Angeles: 55-70.
- VIALOU, D.
1983/84 Un nouveau site rupestre au Mato Grosso, l'abri Ferraz Egreja. *Rev. do Mus. Paulista*, USP, XXIX: 39-53
1987 Santa Elina: Fouilles dans un abri rupestre du Mato Grosso, Brésil. *Bulletin de la Soc. Préhistorique Française*, 89 (10-12): 407-410.
- WÜST, I.
1983 *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás – tentativa de análise espacial*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo.
1989 Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área nuclear Bororo entre os rios Vermelho e Garças, MT. *Dédalo*, Publicações Avulsas, São Paulo, 1: 161-171.
1990 *Continuidade e mudança – para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo-Goiânia.
- WÜST, I.; SCHMITZ, P.I.
1975 Fase Jataí, estudo preliminar. *Anuário de Divulgação Científica*, UCG, Goiânia, II(2): 71-93.